



Escola de Ciências Sociais e Humanas

Departamento de Psicologia Social e das Organizações

Homofobia no Futebol

André João Belacorça Alfaia

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de  
Mestre em Psicologia Social e das Organizações

Orientadora:

Doutora Anelyse dos Santos Lira Soares Pereira, Professora Auxiliar,  
Instituto Superior Manuel Teixeira Gomes – ISMAT; Investigadora do CIS-IUL

outubro, 2013

Dedico este trabalho

À mulher da minha vida, a minha mãe. Por tudo o que representa para mim.

Ao meu primo Pedro e avó. Mesmo *longe*, continuam no meu coração

## Agradecimentos

Apesar de todo o esforço, dedicação, horas infindáveis de leitura, de “riscos e rabiscos” e muito cansaço, é nesta secção que revejo todo o tempo recompensado. Muito mais do que falar de mim, é onde posso expressar todo o meu apreço por todos aqueles que, de uma forma ou doutra, me ajudaram a superar esta difícil, mas honrosa, fase da minha vida. Enumerar todos aqueles que fizeram parte desta aprendizagem torna-se uma tarefa quase impossível, mas tentarei fazê-lo.

Em primeiro lugar, agradeço à Doutora Anelyse Pereira, não só por me ter aceite enquanto seu orientando, mas, sobretudo, pelo apoio constante durante todo o desenvolvimento do presente trabalho. Também, ao Doutor Cícero Pereira, pela sua disponibilidade e atenção nos momentos difíceis para a resolução de algumas adversidades inerentes à elaboração do presente.

Agradeço, de igual forma, à Doutora Elsa Vieira, por me ter aceite na sua Instituição, a Sulforma, para complementar a minha fase académica, através do estágio curricular. Mas, e mais importante, pelo apoio, nas suas palavras positivas e carinho demonstrado, mesmo depois do termino do estágio.

À minha família, com especial atenção para a minha Tia Lurdes, Tia Raquelinda e Tio José Maria. A vossa constante preocupação é a demonstração clara de que os quilómetros que nos separam não são inibidores do carinho que demonstram por mim.

A todos os meus colegas de trabalho. Que de alguma forma me ensinam a “crescer” todos os dias.

Aos meus amigos. Pela força e motivação que me deram ao longo destes cinco e difíceis anos. Em especial ao Marco Campos, Nélson Vivas e Gonçalo Aguiar. Sabem que os considero como irmãos. E, ao Hugo e Pedro Mangerona, Bruno Pereira, Rui Patacas e Paulo Martins. Sei que mesmo longe nunca me esquecem.

Aos especiais colegas e amigos de faculdade, Ana Chainho, Nuno Grazina e Rodrigo Faria. Muitas “guerras” vencemos juntos.

Uma palavra de agradecimento às instituições do Sport Clube Estrela, U. D. C Beringelense, Sanjoanense e C. C. R. Quinta dos Lobos, pela ajuda na aplicação dos questionários aos seus atletas.

Com especial carinho, um obrigado à Doutora Dulce Malaia, minha psicoterapeuta. Pela sua capacidade de compreensão, atenção e disponibilidade. Pela coragem que me incutiu, ao longo destes anos, e a forma como me fez acreditar e não desistir de que tudo o que queremos é alcançável.

Como quem é amiga da minha mãe minha também o é, agradecido, Deolinda.

Com muito amor, à minha mãe. Mesmo longe, sabes que penso sempre em ti. Por todos os telefonemas, em que me “ouvias” chorar, pelas palavras de incentivo, pelos momentos difíceis que passámos e, sobretudo, porque estiveste sempre do meu lado. Obrigado pela demonstração de um amor único e por seres a pessoa e a mãe que és. Continuas e serás sempre o meu grande suporte.

E, como diz o ditado, os últimos são os primeiros, a ti, minha “Nanakas”. Por fazeres parte da minha vida e me dares a mão, em todos os momentos difíceis, e me conseguires, com todas as forças, puxar para a vida. “Porque nada é por acaso”, que o acaso nos una cada vez mais e consigamos tudo aquilo que sonhamos.

De todo o meu coração, obrigado a todos!

## Resumo

Este trabalho analisa a relação entre as crenças sobre a natureza da homossexualidade e a homofobia no futebol. Trata-se de um estudo correlacional no qual participaram 184 desportistas, praticantes de modalidades com vertente futebolística (103 futebol, 48 futsal e 33 outros). O questionário analisa a relação entre as crenças (Lacerda, Pereira e Camino, 2002) e a rejeição à aproximação (Lacerda et al., 2002, ver também Pereira, Torres e Pereira, 2004) e emoções aos homossexuais (Pereira, Monteiro e Camino, 2009, ver também Lacerda et al., 2002). Os resultados demonstram que os participantes do sexo feminino apresentam-se com menos atitudes preconceituosas do que os do sexo masculino e os mais novos predizem maior homofobia do que os participantes mais velhos. Relativamente às crenças, os desportistas com maior adesão às crenças de natureza ético-moral da homossexualidade exprimem mais atitudes homofóbicas. Já os desportistas com maior adesão à crença sobre a natureza da homossexualidade baseada em justificativas culturais são aqueles com atitudes menos homofóbicas.

**Palavras-Chave:** Preconceito; homofobia; crenças essencialistas.

Códigos PsycINFO:

2980 Sexual Behavior & Sexual Orientation

2840 Psychosocial & Personality Development

## Abstract

This study analyzes the relationship between beliefs about the nature of homosexuality and homophobia in football. This is a correlational study in which participated 184 sportsmen, practitioners of modalities with shed football (103 football, 48 futsal and 33 others). The questionnaire analyzes the relationship between beliefs (Lacerda, Pereira and Camino , 2002) and rejecting to the approximation ( Lacerda et al . , 2002 , see also Pereira , Pereira and Torres , 2004) and emotions against homosexuals ( Pereira , Monteiro and Camino , 2009, see also Lacerda et al. 2002). Results showed that female participants are presented with less prejudiced attitudes than males and younger predict greater homophobia than older participants. Relatively beliefs athletes with greater adherence to the beliefs of ethical and moral nature of homosexuality expressed more homophobic attitudes. Already sportsmen with greater adherence to the belief about the nature of homosexuality based on cultural justifications are those with less homophobic attitudes.

Keywords: prejudice, homophobia, essentialist beliefs.

PsycINFO Classification Categories:

2980 Sexual Behavior & Sexual Orientation

2840 Psychosocial & Personality Development

## Índice Geral

	Página
<b>Agradecimentos</b> .....	iii
<b>Resumo</b> .....	v
<b>Abstract</b> .....	vi
<b>I. Introdução</b> .....	1
<b>II. Revisão de Literatura</b> .....	2
1.1 Preconceito e Discriminação como conceitos .....	2
1.2 Formas de Expressão do Preconceito .....	2
1.3 Preconceito – Contextualização e novas formas de expressão .....	3
1.4 Teorias explicativas do Preconceito .....	5
1.5 Modelos explicativos do Preconceito .....	7
1.6 Normas Sociais e Preconceito .....	10
1.7 Preconceito contra grupos Minoritários .....	11
1.8 Preconceito Homossexual – Dos primórdios aos nossos dias .....	13
1.9 Homossexualidade e o Futebol – O medo da repulsa .....	16
1.9.1 Futebol como fenómeno social e imagem homofóbica .....	16
1.9.2 Homossexualidade no futebol – casos e consequências .....	18
2. Homossexualidade e as Representações Sociais .....	20
2.1 Objectivo do estudo .....	22
<b>III. Método</b> .....	23
1.1 Participantes e Desenho .....	23
1.2 Procedimentos .....	25

1.3 Medidas .....	26
<b>IV. Resultados</b> .....	<b>29</b>
<b>V. Discussão</b> .....	<b>32</b>
<b>VI. Referências</b> .....	<b>39</b>
<b>VII. Anexos</b> .....	<b>45</b>

Índice de Tabelas

<i>Tabela 1. Características sócio-demográficas dos participantes</i>	23
<i>Tabela 2. Coeficientes de regressão padronizados (betas) obtidos na análise dos preditores da Homofobia no futebol.</i>	29

Índice de Figuras

<i>Figura 1. Coeficientes de regressão padronizados obtidos na análise das relações entre as Crenças sobre a Natureza da Homossexualidade e a Homofobia no Futebol (Preconceito)</i>	30
--	----

## I. Introdução

A expressão “todos diferentes, todos iguais” ecoa nos nossos ouvidos como uma das frases mais representativas pela luta de igualdade de direitos humanos. Tendo como base a discriminação social relativamente a grupos minoritários, a temática foi tendo relevância na sociedade moderna derivado às constantes manifestações públicas para com a diminuição de atitudes preconceituosas e para que as minorias tendessem a afirmar-se na sociedade com direitos iguais, independentemente das opções e características que os diferenciem dos demais. Nos dias que correm, dificilmente se ouvem comentários públicos discriminando elementos de etnia negra, de religiões distintas, culturas díspares ou mesmo consoante a orientação sexual. Em grande parte, essa desejabilidade social surge relacionada com a mudança de atitude, que pune socialmente quem o faça, suscitando nos sujeitos manifestantes uma pressão indesejada, sustentada pela designada “norma do anti-preconceito”. Consoante o artigo 2º, da Declaração Universal dos Direitos Humanos, “todos os seres humanos devem proclamar os direitos e a liberdade, sem distinção, nomeadamente de raça, de cor, de sexo, de língua, de religião, de opinião política ou outra, de origem nacional ou social, de fortuna, de nascimento ou de qualquer outra situação”. Esse cânone estabelece uma linha orientadora para com o que é correto e incorreto nas atitudes sociais vigentes, condenando, de forma explícita, todos aqueles que infringem as Leis, fomentadas pelo valor de igualdades. Mas será essa conceção ideológica aceite na sua generalidade, indiferentemente da atitude explícita preconceituosa? À questão torna-se quase impossível responder. Sobretudo, quando a temática assume um cariz relativamente à orientação sexual homossexual e a sua aceitação, na sua plenitude, pela sociedade. Em grande parte, vincada pelas diferenças comportamentais dos sujeitos dessa minoria e pela ideologia vigorante na sociedade, na sua maioria, que os discrimina, de uma forma ou outra, derivado à natureza preconceituosa, sendo cultural, religiosa, pelas crenças, valores ou mesmo emoções que lhe estão congregadas. Com base nesse paradigma, o objetivo deste estudo passara por compreender o preconceito enquanto constructo, as suas conceções, as formas de expressão do preconceito, as teorias explicativas subjacentes, a sua contextualização histórica e diferentes tipos de aceitação, e em que medida a homofobia em contexto desportivo, especificamente no futebol, é correlacionada pelas crenças sobre a natureza da homossexualidade

## II. Revisão Literatura

### *1.1 Preconceito e Discriminação como conceitos*

O tema preconceito, em paralelo com a discriminação social, tem, ao longo dos anos, ganho grande impacto nas investigações das ciências humanas e sociais, nomeadamente na Psicologia Social onde vários autores o tentam entender como constructo, as variáveis que possam estar correlacionadas e pela sua importância nas dinâmicas de relações interpessoais (Gómez & Huici, 2001). Todo o processo que está inerente à temática e as consequências comportamentais perante os grupos sociais minoritários revelam que a mesma deve ser estudada de forma peculiar, e de forma bastante abrangente (ver, por exemplo, Plant & Devine, 1998). Com o intuito de apresentar uma definição para o termo preconceito, observou-se que este é utilizado por vários autores de diversas formas, de modo a que tentar apresentar uma lista de definições formuladas e reformuladas ao longo do tempo seria uma tarefa quase inesgotável (Costa, 2001). Perante a sua complexidade o preconceito e discriminação parecem estar fortemente correlacionadas. Todavia, a discriminação postula-se a um comportamento negativo ou um conjunto de ações programadas contra um grupo, baseadas em julgamentos prévios sobre a natureza supostamente negativa dos membros desses grupos (Myers, 2000). Já o preconceito emerge como um desses julgamentos prévios e, nesse sentido, Jones (1972) definiu-o como um julgamento negativo contra membros de uma raça, religião ou ocupante de determinado estatuto social.

### *1.2 Formas de expressão do preconceito*

Comumente, algumas características de intensidade e modo de expressão preconceituosas foram facilmente identificadas, nos primórdios do estudo do preconceito, como, por exemplo, o preconceito simbólico, moderno (McConahay, 1983) ou aversivo (Pettigrew & Meertens, 1995). De acordo com Myers (2000), em alguns Países Europeus, o mesmo apresenta características definidas, como: exagero das diferenças étnicas, expressão de pouca admiração e afeição por minorias, discriminação de minorias com base em justificativas não-raciais. Porém, todas têm algo em comum: envolvem um sentimento

negativo dirigido a uma pessoa ou a um grupo particular de pessoas (Brown, 1995), o que potencializa na pessoa preconceituosa uma maior tendência a intencional o distanciamento ou efetivamente evitar o contato social com os representantes de tais grupos (Vasconcelos, Gouveia, Souza Filho, Sousa & Jesus, 2004). Esse sentimento negativo pode ser considerado como um preditor de uma manifestação preconceituosa direcionada a algumas pessoas pelo simples facto de pertencerem ou se assemelharem a um grupo que esteja conotado de aspetos específicos, percecionados como negativos (ver, por exemplo, Brown, 1995). Esse tipo de conceção consagra de forma explícita a discriminação de pessoas e grupos, traduzindo-se num julgamento categórico antecipado que comporta componentes cognitivas (crenças, estereótipos), componentes afetivas (antipatia, aversão) e aspetos avaliativos ou volitivos (Outhwaite & Bottomore, 1993).

### *1.3 Preconceito - Contextualização e novas formas de expressão*

Para a uma melhor compreensão do preconceito reconsiderara-se primordial a sua contextualização, ou seja, o seu enquadramento no quadro das relações grupais e adequação à cultura social preconceituosa. A pertença a um grupo social determina as perspetivas das normas sociais, com base no simples fato de pertencer a determinado grupo. O próprio grupo é regido por normas que resultam em pressões normativas grupais, onde todos os seus elementos, derivado da cultura, crenças e valores do mesmo se expressão a nível comportamental relativamente aos outros grupos. Essas pressões normativas, sobre a manifestação do preconceito, tem levado ao estudo das novas formas de expressão do preconceito.

Os tipos de expressões do preconceito são representativos da época em que o desconhecimento, relativamente ao preconceito, era evidente. A investigação teórica ilustra a luta social evidenciada no período de tempo em que as manifestações discriminatórias eram patentes na sociedade, derivantes da conceção ideológica de que existissem hierarquias humanas distintas, notoriamente as diferenças biológicas, conforme diferenças étnicas (Rex, 1986). Como referido, a Declaração de Direitos Humanos a igualdade de direitos difundiu globalmente essa diferença, demarcando-se a ideia da hierarquia racial. Consequentemente, surgiram novos princípios normativos que passaram a negar a possibilidade das diferenças fenotípicas entre os grupos (e.g., cor da pele) e, determinaram as diferenças psicológicas e culturais entre os membros desses grupos (Pereira, Torres & Pereira, 2003). Essa constatação abrangera uma nova linha de discriminação sendo, desde logo, a justificação para a

discriminação dos grupos minoritários uma ideologia anti-normativa. Essa lei, a anti-norma, acrescentaria um novo debate social circunscrito à forma de como se distinguiriam os grupos sociais e os estatutos de cada um deles. Nessa perspectiva, aumentou o apoio à crença de que essas diferenças são devidas às dissemelhanças culturais entre os grupos (Vala, Brito & Lopes, 1999), transpondo a ideia de que as diferenças entre grupos resultariam de uma diferença cultural (Pereira & cols., 2003). As novas teorias do preconceito preconizariam uma nova expressão para demarcar as diferenças grupais denominando-a de hierarquia cultural. De acordo com Pereira e cols. (2003), essa seria a estratégia encontrada pelos grupos majoritários para iludir as normas anti-racistas, resumindo-se a um discurso ideológico justificativo de uma situação dominante sem, aparentemente, violar essas normas (Camino, Da Silva, Machado & Pereira, 2001). Esta ideologia consagra a coexistência do preconceito, apesar de ser passível de punição a forma como é manifestado faz com que a norma do anti-preconceito seja contornada de forma legítima, sem qualquer tipo de punição. Como resultado os estudos psicossociológicos sobre o preconceito e a discriminação passaram a tentar identificar, nos últimos anos, tipos menos flagrante de preconceito (Meertens & Pettigrew, 1999) de forma a desenvolver novas teorias para compreender suas formas de expressão (Gaertner & Dovidio, 1986). Atualmente, essas teorias defendem que o preconceito se apresenta de forma sutil, ou encoberta, sem contrariar as normas anti-preconceituosas desenvolvidas após a Segunda Guerra Mundial (Vala & cols., 1998). O preconceito flagrante enumera dois fatores determinantes na expressão do preconceito: a percepção de ameaça e a rejeição às relações de proximidade. O nosso estudo utilizará como medida de expressão do preconceito contra os homossexuais a escala de rejeição a proximidade, para além da escala de emoções positivas e negativas (Pereira et al., 2013). O preconceito sutil ostenta três componentes: a percepção de que o exogrupo não adere aos valores do trabalho e do sucesso; a acentuação das diferenças culturais; e a negação de emoções positivas em relação aos membros do exogrupo. Dessa combinação, Pettigrew e Meertens (1995) definiram três tipos de indivíduos preconceituosos: preconceituosos flagrantes - apresentam alta rejeição à proximidade e negação de emoções positivas; preconceituosos subtis - pouca rejeição à proximidade e negação de emoções positivas; e igualitário ou não preconceituoso - baixa rejeição à proximidade e expressão de emoções positivas.

#### *1.4 Teorias explicativas do Preconceito*

Adorno e seus colaboradores, em 1950, propuseram a teoria da personalidade autoritária, defendendo que o preconceito tinha origem na personalidade autoritária, ou seja, o preconceito despontava de uma manifestação particular de personalidade patológica, i.e., concebendo o preconceito como um tipo de personalidade (Brown, 1995). A mesma teoria ostentava a concepção de que algumas pessoas, em função do tipo de educação recebida nos seus lares, pela sua família, expunham-se a uma tendência ao autoritarismo. Essas pessoas teriam uma personalidade formada por algumas características básicas, como: rigidez, intolerância, conservadorismo, tendência à punição e submissão a figuras de autoridade. Assim, o pressuposto principal desta teoria refletia no ponto em que as pessoas seriam propensas a tornarem-se preconceituosas nas suas relações. Estas pessoas seriam fortemente autoritárias e de forte rejeição ao exogrupo (Rodrigues & col., 2000). Apesar das críticas que fortemente complementaram a teoria da personalidade autoritária a mesma foi, durante o estudo do preconceito, reconhecida como uma das mais legitimadas na explicação do preconceito na época.

Outra das teorias emancipadas no plano da Psicologia Social é a teoria da privação relativa (ver, Star & Williams, 1949). Esta teoria surgiu na necessidade de alterações no quadro teórico da frustração-agressão. Uma vez que a teoria da frustração-agressão (Dollard, Doob, Miller, Mowrer & Sears, 1939), destacava a natureza instintiva dos impulsos agressivos, desmarcando-se do preconceito diretamente, os seus princípios básicos vincavam a ideia de que quando os indivíduos ou grupos são frustrados e tendem a deslocar sua agressividade para grupos distintos ao seu e de menor poder, coexistindo uma maior rejeição por parte do indivíduo ou grupo frustrado (Rodrigues & cols., 2000). Assim, a teoria da privação relativa constatara o deslocamento de um nível de análise inter-individual para um inter-grupal, enfatizando a ideia da emergência de crenças e percepção da injustiça social, que tanto podem ocorrer em contextos dominantes como dominados (Monteiro, 2000).

Também Allport, reconhecido psicólogo dos anos 50, deixou o seu postulado nos estudos sobre o preconceito. Para o autor, o simples fato de um indivíduo pertencer a um grupo socialmente desvalorizado fica, sem justificção, predisposto a atitudes hostis ou negativas por parte dos indivíduos de grupos valorizados (Allport, 1954). A teoria da ausência de contato interpessoal é justificativa para a origem do preconceito, guiando-se por três componentes fundamentais: cognitiva, avaliativa, e a influência destas duas dimensões na predisposição para

os comportamentos hostis em relação às minorias (Amâncio, 2006). Na componente cognitiva o indivíduo percebe a realidade e categoriza-a de forma generalizada. E, na avaliativa, o indivíduo, devido à hostilidade, previamente concebida, manifesta-se com base em comportamentos discriminatórios (Lima, 2002). Os estereótipos constituem ideias fixas e rígidas que resultam da ignorância e da falta de informação (Amâncio, 2006). Essa abordagem teve grande impacto no estudo do preconceito, nomeadamente pela importância da relação entre componente cognitiva social e o preconceito, enquanto constructo, na Psicologia Social. A partir destas ideias o estudo do preconceito na perspectiva da cognição social passou a descrevê-lo como um erro no processamento da informação (Pereira, 2011), regido por duas ideias distintas: uma orientação negativa em relação a membros de determinados grupos e outra no que se refere a algo que é aversivo e não justificado, irracional, errado e inflexível (Pereira, 2011). Com base na teoria de ausência de contato interpessoal, o autor propõe a educação e o contato entre os grupos como formas de reduzir o etnocentrismo e a hostilidade em relação às minorias (Amâncio, 2006).

O etnocentrismo resulta, assim, de uma rigidez na visão da realidade social que se explica pela ignorância, segundo Allport (1954), ou pela personalidade autoritária, de Adorno e cols. (1950), o que não permite compreender, por exemplo, a persistência da discriminação das minorias emigrantes nas sociedades da Europa ocidental, onde ela coexiste com normas democráticas e de tolerância (Billig, 1984). O etnocentrismo, e a sua análise nos modelos das atitudes em Psicologia Social, ficaram, assim, condicionados a extrapolações do nível psicológico para as relações intergrupos. Segundo LeVine e Campbell, em 1972, com os seus estudos, demonstram que as variáveis situacionais e estruturais interligavam as ciências sociais com o desenvolvimento dos estudos das relações intergrupos. Neste contexto, o etnocentrismo seria o principal preditor da discriminação e do preconceito intergrupais. Significando apenas uma atitude positiva em relação ao próprio grupo. Mas, de modo geral, o termo também implica alguns sentimentos de superioridade do grupo em comparação com outros grupos a que não se pertença (LeVine & Campbell, 1972). Contudo, Rokeach (1960) acrescentou a dimensão cognitiva ao problema do etnocentrismo (Pereira, 2011). Nesse prisma, o preconceito seria uma manifestação da percepção da diferença cultural em geral, devido ao autor defender a ideia de que esse construto estaria na percepção de diferença nas crenças, e não na pertença concreta dos indivíduos nos grupos sociais. Neste sentido, o preconceito não seria de natureza racial, sexual ou religiosa, mas sim de nível intelectual. Seguindo essa conceção, tanto o preconceito, bem como o etnocentrismo dependeriam da percepção que cada indivíduo reproduzia cognitivamente.

Esse estilo cognitivo, a “mente fechada” (*closed mind*), retratara a dificuldade em tratar nova informação comparativamente à percepção previamente concebida. Nessa ideia, o etnocentrismo preconizara o principal preditor da discriminação e do preconceito intergrupais. Consoante os autores (LeVine & Campbell, 1972), a explicação do etnocentrismo basear-se-ia numa atitude positiva relativamente ao endogrupo. Contudo, o mesmo construto também acarreta sentimentos de superioridade endogrupal comparativamente ao exogrupo, essa “síndrome” consigna que a “percepção e avaliação da realidade centrada no grupo de pertença serve de ponto de referência para a classificação e avaliação dos outros grupos” (LeVine & Campbell, 1972).

### *1.5 Modelos explicativos do Preconceito – Do sujeito à relação com o meio e os outros*

Na década de 60, a Psicologia Social concebia um modelo que constituiria exceção no quadro explicativo das relações intergrupais. O modelo de Sherif (Sherif, et al., 1961; Sherif, 1967; Sherif e Sherif, 1979), sobre o conflito intergrupos, visava justamente uma interligação entre o psicológico e o sociológico (Sherif, 1967, p. 376), a fim de ultrapassar a tendência para extrapolar do nível de análise individual ou inter-individual para o nível intergrupais (Amâncio, 2006). O modelo suportara a criação experimental de situações de competição e cooperação entre dois grupos e permitira evidenciar que os comportamentos hostis entre grupos, tal como os juízos e avaliações que favorecem o endogrupo, i.e. grupo de pertença, em detrimento do exogrupo, i.e. outro grupo, resultam da situação de conflito e não das características dos membros do grupo ou estrutura interna destes. Desta forma, a perspetiva colocada por Sherif realça a questão da identidade no âmbito das relações intergrupos, pois “sempre que membros individuais de um grupo interagem coletiva ou individualmente com outro grupo ou membros dele em termos da sua identificação grupal, temos uma instância de relações intergrupos” (Sherif, 1967, p. 426). A constatação de conflitos de interesses, reflete a relação entre o interesse individual e grupal, onde, automaticamente, se insere o construto de identidade, não podendo ser dissociado dessa mesma relação. Esse conflito revela que tendemos a agir em conformidade consoante os interesses individuais aliado à situação e não em detrimento das características dos membros do grupo ou da estrutura interna destes.

Transversalmente ao desenvolvimento cognitivo tende-mos a construir atitudes com base nos valores, crenças e ideais que nos são inculcados, na maioria pela família e grupo de pares, a que nos associamos. Nesse paradigma, as normas sociais tem forte impacto na forma de manifestação de certas atitudes que possam ser discriminatórias, nomeadamente face a grupos

minoritários, nomeadamente os homossexuais. O desenvolvimento cognitivo é definido como uma competência de tipo qualitativo, estrutural e geral que o sujeito constrói em interação permanente com o meio e que utiliza para conhecer, pensar e raciocinar sobre a realidade (Piaget, 1947/1967), aliado ao mesmo emerge a influência normativa e, dessa forma, aquilo que pensamos, muitas das vezes, não se coaduna com o comportamento manifestado. A relação entre o *self* e o meio estabelece um dialeto responsável pelo preconceito e suas atitudes sociais perante grupos minoritários, sendo assim, a influência normativa desponta como um conceito determinante para a compreensão do preconceito.

A evolução dos estudos e as diferentes perspectivas, derivantes dos seus autores, constituíram uma deslocação de investigação empírica do interesse ao nível individual e inter-individual para o nível das relações intergrupos e na sua produção teórica. Tajfel (1957), salientara que os juízos percetivos têm por função acentuar a diferença aparente numa dimensão, mesmo física, sempre que essa dimensão esteja associada a uma dimensão valorativa, e assentam num processo cognitivo universal, a categorização, que se aplica tanto a estímulos físicos como a estímulos sociais, e que não depende nem da personalidade nem do grau de informação dos indivíduos; constitui, antes, um processo cognitivo necessário para a organização e seleção da informação complexa (Amâncio, 2006). Essa abordagem, que situa a categorização no quadro das relações entre os grupos, é classificada no terceiro nível das teorias psicossociais elaborada por Doise (1982). Para corroborar a sua teoria, a categorização social, Tajfel efetuou diversos estudos, de forma a analisar os efeitos do processo de categorização nas suas formas percetivas, quer físicas quer sociais (citar os estudos de Tajfel). Para os estímulos físicos, Tajfel e Wilkes (1963), demonstraram que a introdução de um conceito binário de classificação, como as letras A e B, era suficiente para que os sujeitos sobrestimassem a semelhança na dimensão de grandeza entre elementos de uma mesma categoria e sobrestimassem as diferenças entre os elementos da categoria A e os da B, embora a ocorrência daqueles efeitos de sobrestima não ficasse comprovada. Para estímulos sociais, Tajfel, Sheikh e Gardner (1964), procurou generalizar os resultados do seu estudo relativamente aos efeitos da sobrestima percetiva, recorrendo a categorias sociais de comparação entre Canadianos e Indianos. Os mesmos demonstraram que os sujeitos, todos eles Canadianos, sobrestimavam a semelhança dos dois sujeitos-estímulo Indianos nos traços mais típicos do estereótipo do Indiano. Verificou-se, também, uma maior incidência de traços positivos no estereótipo do grupo de pertença e de traços negativos no estereótipo do outro grupo. Estes estudos permitiram, apesar de tudo, que Tajfel propusesse uma nova abordagem da

diferenciação perceptiva e avaliativa entre grupos sociais. A categorização constitui um poderoso processo organizador e simplificador da realidade social, tanto mais forte quanto mais associadas dimensões avaliativas às categorias sociais, seja ao nível dos critérios classificatórios, seja ao nível dos conteúdos descritivos (Tajfel, 1972). Essa categorização permite-nos, consoante o que nos é transmitido pela cultura e valores dos grupos de pertença, prefigurar um tratamento dos critérios classificatórios, conotando o endogrupo como o mais positivo. Assim, os estereótipos sociais, nesta perspetiva, constituem formas específicas de organização subjetiva da realidade social, reguladas por mecanismos sociocognitivos, que permitem compreender a sua incidência e resistência nas interações sociais, ao contrário das explicações que os associam a “desvios” individuais, como falta de informação e a “rigidez” do pensamento (Amâncio, 2006). Testada a categorização e os seus efeitos avaliativos na forma perceptiva, Tajfel, através do paradigma dos “grupos mínimos” teve como objetivo analisar se a categorização também se traduzia em discriminação intergrupos, isto é, num comportamento de favoritismo pelo endogrupo em detrimento do exogrupo (Tajfel, 1978). O mesmo ilustra que o preconceito resulta da inserção do indivíduo numa dada categoria social (Tajfel, 1972).

Integrado no projeto de investigação sobre as condições de emergência da discriminação intergrupos (Brown, 1986), o paradigma dos grupos mínimos pretendia estudar as condições mínimas do efeito da categorização na discriminação intergrupos. Os resultados revelaram que a pertença a uma categoria ou grupo social leva à atribuição de características positivas aos membros desse grupo e negativas aos do outro grupo. Este favoritismo endogrupal foi explicado pela teoria da identidade social (Tajfel, 1982) como sendo o resultado de uma motivação à manutenção de uma auto-estima positiva que é construída através de uma imagem favorável do endogrupo e uma desfavorável do outro grupo. Através de um artigo, Tajfel (1972), estabelece a ligação entre a categorização social e a Identidade social. A categorização surge associada ao conhecimento da pertença, com significado emocional e avaliativo exprimindo-se no favoritismo endogrupal. Transpondo a teoria da comparação social de Festinger (1954) do nível inter-individual para o das relações intergrupos, Tajfel considerava que os grupos sociais só podem contribuir para uma identidade social positiva dos seus membros, na medida em que se distinguem positivamente de outros grupos (Amâncio, 2006). A interligação entre a categorização social, identidade social e comparação social constitui uma integração de processos cognitivos no quadro de uma dinâmica intergrupala, sendo que a última, a comparação social, fica dependente do nível perceptivo avaliativo dos indivíduos relativamente ao seu grupo de pertença. Dessa configuração, a teoria da identidade social remete destaque relevo para a

pertença a grupos sociais, sendo essa pertença um dos aspetos fulcrais para a construção da própria identidade de cada indivíduo. Essa identidade é construída com base em comparações com outros grupos relevantes, de forma a permitir uma distintividade (positiva) do nosso grupo. Ou seja, para uma pessoa se sentir bem com a sua identidade, vai preferir pertencer a grupos que podem contribuir de forma positiva para a sua distintividade em relação aos outros (Costa-Lopes, 2010). Este favoritismo endogrupal, explicado pela teoria da identidade social (Tajfel, 1982), resulta de uma motivação à manutenção de uma auto-estima positiva que é construída através de uma imagem favorável do endogrupo e uma desfavorável do outro grupo (Pereira, 2011). Essa base motivacional foi criticada pelos autores que explicam a identidade social com base nas relações de poder entre os grupos (Camino, 1996; Doise, 1982). Sustentando essa concepção, o preconceito é criado como uma forma peculiar de relação intergrupual onde, no quadro das relações de poder entre grupos, desenvolvem-se e são expressas atitudes negativas e depreciativas, como comportamentos hostis e discriminatórios contra membros de um grupo social, por serem membros desse grupo (Camino & Pereira, 2000).

### *1.6 Normas sociais e o Preconceito*

O fato de o preconceito sustentar inúmeras relações com outros tipos de padrões remete, para o mesmo, a sua valorização enquanto uma temática social e a sua importância devido aos comportamentos sociais constantemente observados. Para a sua compreensão é imprescindível a sua análise como um construto complexo e que a ele estão agregados diversos paradigmas, irreversivelmente dissociados. As normas sociais surgem inseridas na concepção de como crenças, ideais ou valores grupais têm repercussões diretas nas atitudes dos elementos pertencentes a determinados grupos, e posteriormente se resumem a atos discriminatórios. As pessoas, consoante a sua cultura e origem, utilizam estratégias de observação e assimilação da informação envolvente para que, mais tarde, tais comportamentos, sejam reproduzidos, servindo de estratégia. Compreender situações sociais ensina-nos a lidar com essas mesmas situações e permite às pessoas reduzir o nível de incerteza perante determinados contextos. O estudo das normas sociais não reúne consenso para os investigadores quanto à sua utilidade. Contudo, alguns deles (e.g., Fishbein & Ajzen, 1975) estão convictos de que sem o conceito de normas não seria possível compreender a natureza das atitudes e dos comportamentos sociais (para uma revisão crítica, ver Dubois, 2003). A sua complexidade é reconhecida, em grande parte, pela sua concepção não ser idealista. Por vezes, as normas definem valores, outras regras,

costumes ou tradições sociais. Essa disparidade remete para a ideia de que as normas sociais surgem como um descontínuo, onde não há um limite específico que delimite o conceito. Apesar da discussão em seu redor, a literatura destaca a relevância que as normas têm como uma variável reguladora do preconceito (e.g., Biernat, Vescio, Theno, & Crandall, 1996; 1988) e das relações intergrupais (e.g., Gaertner & Insko, 2001), remanescendo-a como elemento central para o desenvolvimento e manutenção do preconceito e de práticas discriminatórias. Com base neste pressuposto, para a análise do preconceito torna-se essencial considerar o seu efeito na avaliação que as pessoas fazem dos membros do grupo-alvo do preconceito (Pereira, 2009). A literatura sobre as normas sociais, apesar de não reunir qualquer tipo de consenso relativamente à conceção de uma definição geral do conceito, tipifica o seu domínio em duas características centrais à sua natureza: a sua natureza descritiva e a sua função prescritiva (Cialdini & Trost, 1998). Especificamente, as normas sociais descritivas são aquelas que nos informam sobre “o que” é mais comumente feito e as normas prescritivas indicam “aquilo” que é tipicamente aprovado ou condenado pelos grupos (Cialdini & Goldstain, 2004). Assim, Paluck (2009), definiu normas como conceções socialmente compartilhadas do modo como as pessoas se comportam ou de como deveriam se comportar. As normas sociais contemplam a importância no estudo do preconceito por se situarem numa causalidade específica, essa situação social tem consequências nas atitudes que manifestamos. Em grande parte, essas situações estão relacionadas com a pertença a grupos sociais e à cultura em que estamos inseridos.

### *1.7 Preconceito contra grupos sociais minoritários*

Com o passar dos tempos e a evolução da mentalidade social, por exemplo: a expressão explícita de preconceito contra pessoas negras é muito menos comum hoje do que há quarenta anos (Myers, 2000), sustentada pelas leis de igualdade de direitos, observar manifestações preconceituosas torna-se numa realidade quase inexistente. A aprovação do casamento entre pessoas do mesmo sexo, em Portugal, no ano 2010, conforme Lei 9/2010 publicada no dia 31 de Maio de 2010, é um bom exemplo de como as mentalidades se vão adaptando à própria evolução dos tempos. Esta Lei dispõe que o “casamento é o contrato celebrado entre duas pessoas que pretendem constituir família mediante uma plena comunhão de vida...”, portanto, consoante o Código Civil, os direitos entre casais heterossexuais difundem-se com os homossexuais, não existindo qualquer tipo de distinção entre a orientação sexual. Todavia, a

adoção de crianças entre casais homossexuais, apesar de ser aceite em 14 Países (entre eles: Holanda, primeiro a legalizar a adoção homoparental, em 2001, África do Sul, Suécia, em 2003, Espanha, 2005, Noruega e Brasil, em 2009 e, em 2010, Dinamarca e Argentina e, recentemente a França, 2013, passando a ser um direito constitucional) (informação veiculada no jornal “Diário de Notícias”, edição de 23 de Abril de 2013, retirado do site [www.dn.pt](http://www.dn.pt)), em Portugal esse reconhecimento ainda promove grande controvérsia, nomeadamente pela posição do Tribunal Europeu dos Direitos do Homem. Sendo aprovado o casamento entre pessoas do mesmo sexo, os mesmos devem contemplar igualdade de direitos na sua totalidade. Esse paradigma abre um precedente por violar a Convenção Europeia dos Direitos do Homem, no que respeita à discriminação e ao respeito pela vida privada e familiar. Contudo, a Lei da co-adoção homoparental, ou seja, a adoção por um casal homoafectivo de uma criança filho/a biológica de um dos membros homoafectivos, foi, recentemente, aprovada no Parlamento Português, seguindo os exemplos da Áustria, Finlândia, Alemanha e Israel. No entanto, “para a co-adoção ser uma realidade, é ainda necessária uma votação final global e a promulgação pelo Presidente da República” (informação acedida através do jornal “Público”, edição de 17 de Maio de 2013, site [www.publico.pt](http://www.publico.pt)). A decisão parece repercutir um enorme impacto em todo o sistema político e social Português, sendo que, até à data, não se certificou qualquer decisão final (informação retirada do jornal “Público”, edição de 22 de Outubro de 2013, site [www.publico.pt](http://www.publico.pt)).

A discriminação social de grupos minoritários evidencia ser alvo de elevado interesse nas investigações científicas. Múltiplos estudos têm sido desenvolvidos, independentemente das minorias sociais pesquisadas. O preconceito demonstra ser uma temática em voga, em grande parte pela sua importância no quotidiano social e na verificação de atitudes preconceituosas. Nas minorias sociais raciais o prenúncio, tradicionalmente, remete para o foco nas novas expressões do preconceito racial e étnico e das transformações que vêm ocorrendo nas crenças raciais (Vala, Brito & Lopes, 1999). Em Portugal, na área da Psicologia social, vários autores têm dado o seu contributo para uma melhor avaliação e compreensão das atitudes preconceituosas perante as minorias raciais (ver, Lima & Vala, 2002; Lima & Vala, 2004; França & Monteiro, 2004).

Nestes casos, estudos contra minorias sociais raciais, os resultados são consensuais, os mesmos demonstram uma diminuição na expressão explícita de atitudes negativas em relação a pessoas de cor negra e de outras minorias sociais (e.g. Pettigrew & Meertens, 1995 e Vala, Brito & Lopes, 1999). A presença da norma da igualdade é uma condição suficiente para a

redução do preconceito contra esses grupos-alvo. No entanto, esses resultados, tão conclusivos, não podem ser extrapolados para outros tipos de atitudes preconceituosas, nomeadamente na homossexualidade. No que se refere a este tipo de minorias sexuais, a aplicação de princípios como a norma, valores, crenças e cultura parece ser mais complexa (veja Frank & McEneaney, 1999).

### *1.8 Preconceito Homossexual – Do primórdios aos nossos dias*

Como referido anteriormente, a lei que consagrara a aprovação do casamento homossexual foi um dos passos mais marcantes, em Portugal, na integração social de pessoas cuja sua orientação sexual não se enquadre dentro da norma. Contudo, essa aprovação não se circunscreve a uma generalidade, sendo recusada por muitos e publicamente criticada, através de manifestações, sobretudo pelos mais conservadores, contra as minorias sexuais. Essas manifestações são frequentes, principalmente organizadas pelos movimentos religiosos (Pereira, 2004). A homossexualidade parece suscitar um debate incontornável entre o que é aceite e rejeitado pela sociedade. A “norma anti-preconceito” parece não ser tão lucida e eficaz, comparativamente a outro tipo de atitude preconceituosa, no que se refere à aceitação de tal grupo minoritário na sociedade, demonstrando que a máxima “todos diferentes, todos iguais” não se reflete, de todo, como atitude preconceituosa globalmente aceite.

Relativamente ao preconceito racial é notório, analisando vários estudos, que as atitudes perante tais grupos sociais representam, quase na sua totalidade, uma aceitação mas, da mesma forma, apresentam uma percentagem elevada de concordância relativamente à existência do preconceito (Turra & Venturi, 1995). Esse prenúncio, demonstra que todos temos noção que o preconceito é um conceito real, embora, muitas das vezes, seja camuflado e que relativamente a outras minorias a adesão aos princípios de igualdade não parece ser aplicável (Pereira, Torres e Pereira, 2004), nomeadamente o grupo dos homossexuais.

A homossexualidade é, sem dúvida, um dos temas mais controversos e atuais da nossa sociedade. Muitos de nós debatemo-lo mas, universalmente, poucos se inquietam em perceber a sua origem e consequências psicossociológicas. Margaret Mead, antropóloga norte-americana, com base nas suas investigações, notou que não existem povos onde a homossexualidade não se manifesta (Padoveze, 2009). A sua origem no tempo parece remontar aos anos antes de Cristo, na Bíblia existem textos que suscitam interpretações homofóbicas: “É

uma abominação um homem se deitar com outro homem como se fosse uma mulher, ou uma mulher se deitar com outra mulher como se fosse um homem” (Levítico. 19.20; 20.13). Na Grécia Antiga, o amor entre homens era considerado como a mais alta forma de afeição, sendo que as relações homem-mulher tinham como finalidade apenas a reprodução. Em Esparta, era comum os pares homossexuais guerrearem juntos, acreditava-se que essa “união fortalecia a unidade do exército e que a afeição de um pelo outro aumentaria sua capacidade de luta” (Airès, 1985). Na América primitiva, os Maias consideravam a homossexualidade entre jovens homens e mulheres como natural e normal (Foucault, 1999). Essa incongruência entre aceitação/rejeição relevava o enorme desconhecimento da sua gênese e na forma comportamental que começara a provocar repulsa para os que não entendiam a razão pelo qual alguém poderia gostar de uma pessoa do mesmo sexo, contrariando o método *pecado original*, entre Adão e Eva, “essa desobediência aos preceitos de Deus tinha como sua consequência a expulsão do Paraíso” (Padoveze, 2009). No conceito cristão, todo homem já nasce com esse pecado original, que se transmite de geração em geração (Airès, 1985). Na Idade Média, o cristianismo, enraizado no judaísmo, conduziu à repressão perante os homossexuais, onde a prática homossexual era vista “como obra do demónio” (Foucault, 1999). Na França, a repressão homossexual perdurou até a vigência do Código de Napoleão, onde o *homossexualismo* deixou de ser considerado como crime, entretanto, situações recentes mostram que ainda existe uma grande rejeição quanto aos homossexuais em França, visto o que aconteceu nas ruas a propósito da legalização do casamento homoafectivo. Contrapondo os ideais da Revolução Francesa, de 1789, designada através do lema “Liberdade, Igualdade e Fraternidade”, inspirou, praticamente, todas as constituições europeias e americanas.

A procura de explicações sobre comportamentos considerados fora dos padrões rígidos estabelecidos, predominou nos finais do século XIX. Alguns clássicos da literatura como “The strange case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde”, de Robert Louis Stevenson (1886) e “Frankenstein, the modern Prometheus”, de Mary Shelley, (edição definitiva de 1831), mostravam claramente essa busca de informação com o intuito de perceber o porquê de tais comportamentos (Padoveze, 2009).

Em 1917, com a Revolução Russa, foi abolida as leis contra os homossexuais. Mas, com a tomada de poder de Stalin, iniciou-se uma campanha de repressão contra os mesmos e, em 1934, foi introduzida uma lei que punia os homossexuais masculinos com até oito anos de prisão (Padoveze, 2009). A história da homossexualidade é identificada como algo intermitente no tempo e na forma de aceitação social. Como exemplo homofóbico: na Alemanha nazista a

homossexualidade era considerado como crime e os seus praticantes eram remetidos para os campos de concentração, onde eram identificados com um triângulo cor-de-rosa. Frequentemente, também, eram castrados e submetidos à desnutrição para acelerar sua morte (Airès, 1985).

Em 1985, a homossexualidade foi considerada pelo Código Internacional de Doenças (CID) como um desajustamento social decorrente de discriminação sexual ou religiosa, passando à categoria de perturbação mental. Essa concepção, nos dias de hoje, faz-nos compreender as permutações e o perfeito desconhecimento existente sobre a homossexualidade. Desde 1991, a Amnistia Internacional passou a considerar a proibição à homossexualidade como uma violação dos Direitos Humanos. Em 1993, a Organização Mundial de Saúde retirou o termo "homossexualismo" do Catálogo Internacional de Doenças. E, em Dezembro de 1998, a Associação Americana de Psiquiatria (APA) posicionou-se contra as terapias de cura, como eram chamadas as tentativas destinadas de reverter homossexuais em heterossexuais, assentando no paradigma de que a homossexualidade fosse um construto muito mais complexo do que foi sustentado ao longo dos tempos. Essa mesma complexidade resulta no fato de a homossexualidade, nos dias de hoje, ser considerado um conceito que não surge no vácuo e que a sua génese parece ser mais ampla e ambígua do que se ostentava outrora.

Os mitos envolvidos em redor da Homossexualidade e a sua história nos tempos enfocam uma relação direta na dialética entre a sua aceitação e rejeição social, independentemente dos tempos e da cultura envolvente. Porém, a posição religiosa demarca-se de todas as concepções que acompanharam os mitos, sendo verdadeiros ou falsos. E, em todos eles, se assiste a uma posição unificada e generalizada do quanto a imagem de Deus preconiza na rejeição de tal conceito. Essa mesma posição, ainda nos dias de hoje, é uma verdade absoluta e o posicionamento da Igreja em relação a homossexualidade tem sido motivo de polémica (Brash, 1998), principalmente porque esse posicionamento parece contrariar o princípio geral de “igualdade entre todos perante a Lei”.

### *1.9 Homossexualidade e o Futebol – O medo da repulsa*

Como já constatado, a homofobia emerge como o foco principal deste estudo. Percebemos que a temática é um conceito social que não reúne consenso geral em torno da sua aceitação mas que, principalmente, a mesma, ostenta um nível de debate nem sempre com a mesma orientação. As posições de diversos autores, no seu estudo, quer em teorias, na sua natureza ou mesmo nas formas de expressão preconceituosas demonstram que a sua análise foge, muito mais além, do que a sua aceitação ou rejeição social e que a sua controvérsia é marcante em cada contexto em que é inserida. Vários estudos são representativos da sua contextualização, nomeadamente, a homossexualidade na família (ver Schulman, 2009; Soliva & Góis, 2009), no trabalho (ver estudos de Chung, 1995; Croteau, 1996; Mickens, 1994) ou mesmo em contexto educacional (ver Britzman, 1996; Dinis, 2008; Louro, 1997; Poteat & Espelage, 2005; Green, 2008; O’Higgins-Norman, 2008), com estudos sobre a homossexualidade nas escolas. Contudo, esse prenúncio nunca fora extrapolado para a área desportiva, nomeadamente o futebol. Nesse contexto, o tema parece ser percecionado como algo obscuro e que a intolerância e o medo de recusa imperam. Apesar de em outros tipos de desportos serem cada vez mais atletas a assumirem a sua opção sexual, com diferentes níveis de mediatismo (informação veiculada pelo jornal “Abola”). Esta abordagem parece carecer de estudos que privilegiam a esfera homossexual no fenómeno social desportivo, o futebol. Desta forma, a sua pertinência ganhara outro tipo de contorno, uma vez que surge como uma tábua rasa a nível teórico diretamente correlacionado, em contexto nacional.

#### *1.9.1 Futebol como fenómeno social e imagem homofóbica*

Para o enquadramento da temática na sua contextualização tornara-se imperial perceber o fenómeno social inerente ao desporto. O futebol é subentendido como um ritual coletivo, onde o culto a um determinado tipo de masculinidade dominante é reconhecível (Helal, 1997). “ (...) o Futebol é um instrumento de significação... referentes à estrutura social como um todo” (Guedes, 1977, p.4). No artigo de Freitas, 2002, *Do amor grego à paixão nacional: masculinidade homoeroticidade no futebol brasileiro*, o antropólogo, faz uma síntese do conceito Futebolístico adjudicado à sua interação com os processos psicológicos na construção da identidade do sujeito. O objetivo passara por compreender como essa relação, contexto sócio-cultural vs instituição social (Futebol - através dos grupos sociais organizados, denominados de claques) interfere no processo social de construção de identidade masculina (Freitas, 2002). Nesse espetro, o futebol surge como uma metáfora relativamente à

masculinidade e como uma forma de expressão simbólica que transpõe a sua prática efetiva, sendo autenticado como um espaço de interações entre pessoas do sexo masculino (Freitas, 2002). Todos os rituais na sua envolvência parecem condizer a essa metáfora, onde as claques organizadas (ou grupos sociais organizados), são reconhecidas como a “casa dos homens”, ou seja, um ambiente de homens para homens. Este espaço viril exclui todos aqueles que se insurgem contra a “virilidade triunfante” e a feminilidade em geral (Godelier, 1977). Esta conceção compreende a forma de apreender o futebol, não apenas como um desporto, mas como um dos pilares organizadores das relações sociais, um codificador de condutas masculinas, onde são criadas regras de sociabilidade e fidelidade entre homens (Freitas, 2002). A exemplo da hierarquização desportiva, no século XX, depara-se uma diferenciação dos desportos e nas práticas de lazer onde às mulheres se estimula o gosto pela ginástica e o *ballet*, para fins de conformação do corpo e aos homens incita-se desportos competitivos, para fortalecer o corpo e exercitar a convivialidade regrada entre iguais (Smigay, 2001). Num estudo sobre fenómenos sociais, *Constraint an License: a preliminar study of two brasilian rituals*, Da Matta, em 1977, constata que o futebol salienta determinados aspetos da vida quotidiana, confirmando a sua estrutura dominante e neutraliza hierarquias e padrões, tais como os étnicos (o futebol inverte o racismo), de classe (neutraliza as diferenças de origem socioeconómicas: o que importa é a “habilidade com a bola”) ou de género (supremacia masculina). “Os rituais dizem as coisas tanto quanto as relações sociais (...). Os rituais seriam assim, instrumentos que permitem uma maior clareza das mensagens sociais” (Da Matta, 1977, p.45). Os estudos desenvolvidos demonstram a importância da masculinidade no panorama futebolística, existindo uma clara rejeição da feminilidade neste tipo de desporto. Compreender o futebol é uma forma de exibição exacerbada dos atributos da masculinidade, cabendo à mulher o mero papel secundário (Sousa, 1997). Essa compreensão também nos permite a verificação do favoritismo endogrupal, a nossa equipa complementa mais agressividade que o adversário, “é comum os adeptos enaltecerem a sua imagem de masculinidade, em detrimento de uma suposta falta de virilidade, passividade e feminização dos adversários, principalmente nas suas manifestações coletivas, como nos cânticos insultuosos, (...) a mulher também é vista como algo que deve ficar fora do Futebol” (Souza, 1997, p.145). Este paradigma reflete na sua totalidade a dificuldade de aceitação da homossexualidade no futebol. Num artigo recente, em Fevereiro de 2013, de um jornal desportivo de renome nacional, A Bola, a homossexualidade é categorizada como sendo “o maior tabu no mundo do futebol”. Intitulado como “Armário fechado a sete chaves”, o artigo destaca a importância da temática no desporto, especificamente no fenómeno social que é o futebol. O medo de represálias consiste o grande obstáculo para com as minorias sociais

homossexuais, “ Mais cedo ou mais tarde haverá um jogador a declarar-se publicamente homossexual, mas até lá é injusto atribuir ao futebol o eventual medo que os jogadores possam sentir em assumir-se, já que o futebol é suficientemente aberto”, (Machado Vaz, 2013). O choque social enaltece o medo de integração social.

### *1.9.2 Homossexualidade no futebol – casos e consequências*

Apesar dos exemplos de homossexualidade assumida noutras modalidades, no ténis, por exemplo, deu a conhecer os casos de Martina Navratilova, Amelie Mauresmo e Conchita Martinez e, um dos mais famosos a assumir-se foi o Americano Greg Louganis, vencedor de cinco medalhas de ouro em Jogos Olímpicos, nos saltos para a água. Em 2012, foi o Orlando Cruz, primeiro pugilista profissional a declarar-se *gay* (retirado do artigo “Armário fechado a sete chaves”, jornal “Abola”, 2013). Ainda assim, podemos supor que seja mais “difícil” essa aceitação em desportos colectivos. O mediático “caso Justin Fashanu”, replicado no mesmo artigo, parece repercutir efeitos diretos na omissão da homossexualidade no caso dos futebolistas. O atacante Inglês, assumiu a sua homossexualidade em 1990. Continua a ser, no futebol de primeira linha, o único caso. Desde a sua confissão, Fashanu passou a viver um verdadeiro Inferno, devido à intolerância por parte de alguns colegas de profissão, adeptos e mesmo familiares, o que o levou a pôr um término à própria vida. Numa carta, após o seu suicídio o mesmo relata que percecionara “que há muito que estava condenado. Não quero ser uma vergonha para os meus amigos e a minha família. Espero encontrar finalmente a paz”. O depoimento do futebolista retracta a dificuldade de integração de um homossexual no mundo futebolístico, enfatizando que o tema não parece suscitar unanimidade na aceitação neste contexto.

No entanto, a omissão da homossexualidade do futebol parece não acontecer de forma consciente, mas sim pelo facto da existência de uma inclinação heterossexual, em maior ou menor grau, em cada um de nós. Ou seja, a “internalização” da norma de que o futebol é um universo para “machos heterossexuais”, é de tal forma nítida que percecionamos que outro tipo de orientação sexual e desejos não se encaixam neste estereótipo (Freitas, 2002). Com base nesse pressuposto, várias são as tentativas, por parte de alguns protagonistas do meio futebolístico e pela empresa, em romper com esse tabu. A revista desportiva Brasileira “Placar”, em Outubro de 2013, desenvolveu um artigo com base na temática, mas demarcada por uma situação específica. *Porta da esperança?*- nome dado ao artigo, resulta de uma circunstância peculiar em que um jogador de futebol, Emerson Sheik, avançado centro do Corinthians, postou

na sua página pessoal de uma rede social uma foto em que o mesmo surge dando um *selinho*, expressão utilizada no artigo e com o significado de beijo na boca, de um amigo. “Tem que acabar com essa discriminação boba”, escreveu o atleta (retirado da revista “Placar”, edição de 21 de Setembro de 2013), com o objetivo de minimizar o preconceito contra os homossexuais. Mas, a repercussões da mensagem não foram as desejáveis. Emerson Sheik, de imediato se assumiu como heterossexual, mas a polemica em seu redor já estava instalada. Foi bombardeado por insultos e chacotas de corintianos e rivais. Tornou-se o assunto da semana (retirado da revista “Placar”, edição de 21 de Setembro de 2013). No jogo seguinte, o presidente da equipa adversário comentou o sucedido “Sheik estava desestabilizado. Ele joga numa equipa de machos e teve uma atitude daquela (o *selinho*). Sou da moda antiga. Ou seja, homem é homem”. Esta afirmação espelha, na sua plenitude, a visão de quem funciona no meio e tem consciência da norma vigente no contexto. No mesmo artigo, Gustavo Andrada Bandeira, mestre em educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e autor de estudo sobre masculinidade e futebol, afirma que o “futebol é coisa para macho”, alertando a atitude de Sheik. Também a ira dos adeptos da sua equipa, os Corintianos, se fez sentir “Não somos homofóbicos, mas a *bitoquina* do Sheik violou nossa ética, nossa ‘corintiologia’”, revelou Marco António “Capão”, diretor da Camisa 12, claque organizada do Corinthians (retirado da revista “Placar”, edição de 21 de Setembro de 2013). A faixa com a mensagem “Aqui é lugar de homem” representa o paradigma de que a homofobia não se associa de forma positiva ao futebol e que a mesma serviu como um “puxão de orelhas” a Sheik, “Corinthians é o time do povo, não de veado.” (revista “Placar”, 2013). O mesmo documentário ilustra, numa visão geral, a forma como o preconceito contra homossexuais no futebol se denota quase como uma norma social, dando o exemplo de uma clara discriminação perante esses grupos sociais minoritários. Em 2011, o Palmeiras desistiu da contratação de Richarlyson após o protesto dos adeptos, representados nas faixas afixadas com a mensagem: “a homofobia veste verde”, fazendo alusão aos ideais do clube. O mesmo jogador, outrora, se vinculava à homossexualidade. No ano seguinte, Roberto Frizzo, vice-presidente do clube Palmeirense, explicara o veto da contratação, “Richarlyson é um bom jogador, mas não seria admirado pela nossa massa associativa”. Amir Somoggi, consultor de marketing desportivo, considera, também, que “além do prejuízo à carreira, o atleta vinculado à homossexualidade, ainda que não tenha saído do armário, afugentaria investidores” (revista “Placar”, 2013).

Para contrariar o estigma de que a homossexualidade não é compatível com o futebol, nos Estados Unidos, clubes, federações e governo cooperam em campanhas pela libertação

homossexual. A Liga Norte-americana de Futebol (MLS) apoia a causa “You Can Play”, que incentiva todos os desportistas homossexuais a exporem sua orientação sexual. Essa mesma iniciativa é ancorada à história de Robbie Rogers. O mesmo, em Fevereiro decidiu assumir a sua homossexualidade e abandonar o futebol. Mas, a equipa LA Galaxy decidiu contratá-lo, mesmo depois de ter sido dispensado pela sua equipa, após a sua exposição pública, relativamente à sua orientação sexual. É, até aos dias de hoje, o primeiro atleta profissional homossexual a disputar uma liga de desportos coletivos norte-americana, já que o basquetebolista Jason Collins, no fim da temporada de 2012, revelou a sua orientação sexual. O mesmo recebeu o apoio dos adeptos, companheiros e, inclusive, do presidente Barack Obama, através de um telefonema (revista “Placar”, 2013). Contudo, a parte cultural parece ser decisiva na aceitação e tolerância à diversidade sexual. Marcelo Sarvas, companheiro de Rogers, descreve que “o País joga a favor dele, Rogers” e que se o mesmo “se tivesse assumido no Brasil, aí, sim, teria problemas” (revista “Placar”, 2013). Essa constatação é representativa da importância da sociedade na expressão das atitudes homofóbicas. Aliado ao fato da carga emocional que está inerente à paixão pela modalidade e respetivo clube.

A complexidade na compreensão da homossexualidade parece ser uma realidade absoluta. Também o fato de esse construto ter diversos conjuntos de quadros correlacionais interligados, faz-nos acreditar que perceber a homossexualidade poderá não ser tão linear e simplista como parece. Contudo, é notório que a situação e o seu contexto obtêm relevo deveras importante para que se possa estudar as manifestações de atitudes preconceituosas onde a mesma está contextualizada. A homofobia no futebol parece ser um dos temas mais perturbadores para a maioria dos amantes do desporto rei. Como já mencionado, o facto de ser homossexual, dentro desse contexto, constitui um entrave à sua integração, refletindo-se em manifestações de atitudes preconceituosas perante esses grupos minoritários. Vivemos num mundo em que aquilo que fazemos é objeto de avaliação por nós próprios e pelos outros (Sousa, 2006). Essa conceção fomenta a ideologia do quanto permeável somos a desvios de informação.

## *2 Homossexualidade e Representações Sociais*

No seguimento do subcapítulo anterior, apresenta-se a importância das representações sociais e as estratégias avaliativas que todos nós, inconscientemente, fazemos. Essas estratégias têm consequências ao nível dos comportamentos e das interações sociais dos diferentes intervenientes. Heider, na sua obra, *Psicologia das relações interpessoais*, de 1958, primou na explicação de alguns princípios implícitos à atividade do senso comum, realçando o processo

de atribuição. Para o autor, existem dois aspetos importantes: a) a forma como os indivíduos ajustam internamente as suas cognições por forma a estar em equilíbrio consigo próprios, e, b) os ajustamentos que fazem ao meio social em que se inserem (Heider, 1958). Assim, o processo de atribuição causal é desencadeado pela necessidade de avaliação, onde: a percepção de um objeto social implica a atenção do percipiente, e, à semelhança do que ocorre na percepção de outros objetos, a pessoa com todos os seus processos psicológicos, as suas emoções, maneira de ser, constitui a realidade exterior, com propriedades perceptíveis para todos (Sousa, 2006). A este processo de valência das cognições está correlacionado a forma como cada indivíduo constrói, através de inferências, as suas crenças, estando por base a sua preferência por estados de equilíbrio e harmonia. Esse "diálogo" entre sujeito-ator, o Outro e o Destino (designado por Heider, 1944, de sorte), despontam como o resultado comportamental. Desta forma, a capacidade individual de percebermos a realidade exterior, tende a estar explicitamente relacionado com o tipo de comportamento manifestado. Desta forma, o senso-comum é desenhado à medida de cada indivíduo sendo o resultado de inferências da sua interação com o que está ao seu redor, ou seja, a adequação do indivíduo ao meio ambiente passa pela simplificação da informação e que, frequentemente, isso é possível através da categorização dos comportamentos em traços de personalidade (Marques, 1986). O fato de observarmos fenómenos, sociais ou não, e inferirmos algo a seu respeito salienta a capacidade que o ser humano demonstra na capacidade em categorizar elementos. Esse tipo de efeito evidencia que concebemos teorias de senso-comum, ou teorias de personalidade (Bruner & Tagiuri, 1954). Essa dimensão enfoca uma inclinação para as relações intergrupais, onde não só o desenvolvimento de crenças pessoais possa ser encontrado, mas ancorado a si o desenvolvimento de crenças relativamente a grupos sociais. Consequentemente, as teorias do senso-comum proclamam a extrema importância no contexto sobre a natureza dos grupos sociais e atitudes preconceituosas subsequentes. Nesse prisma, o enquadramento das atribuições causais no quadro das representações sociais parece atestar um modelo explicativo para a compreensão das crenças na natureza do preconceito dos grupos sociais. Contudo, mais veiculados para o domínio das estruturas das crenças essencialistas (e. g., Bastian & Haslam, 2006) e o seu papel nas atitudes intergrupais (e.g., Haslam & Levy, 2006), Pereira et al., em 2011, propuseram que as crenças essencialistas fossem compreendidas no âmbito dos processos descritos por Moscovici (1976) para caracterizar as representações sociais. Ou seja, é proposto que a *essencialização* seja um exemplo típico dos processos de objetivação, especificamente ontologização, que explica como as pessoas reificam e naturalizam conceitos e relações científicas, transformando-as em saber de senso-comum (ver, Jost, 1992), e precisamente, que

as dimensões das crenças essencialistas possam ser mais bem compreendidas se forem analisadas como representações sobre a natureza dos grupos sociais (Pereira, 2006).

### *2.1 Objetivos do estudo*

Nesta perspectiva, Lacerda et al. (2002) mostraram que as representações sociais da homossexualidade sobre a natureza deste grupo são compostas por cinco princípios organizadores (ver Pereira, Torres & Pereira, 2003): crença na natureza religiosa (*e.g.*; tendência pecaminosa da homossexualidade), crença na natureza ético-moral (*e.g.*; que a homossexualidade representa a tendência para as pessoas violarem os valores morais e tradicionais), crença na natureza psicológica (*e.g.*; que a homossexualidade tem base psicológica), crença na natureza biológica (*e.g.*; a homossexualidade está relacionada com factores hereditários, hormonais e gestacionais) e crença na natureza psicossocial da homossexualidade (*e.g.*; que a homossexualidade está relacionada com aspetos identitários e não-essencialistas) (Lacerda et al, 2002). Segundo Camino e Pereira (2000), as teorias e as práticas científicas quando são transformadas em saber de senso-comum podem contribuir para o processo de discriminação social contra os homossexuais (ver, Crawford et al., 1999).

Com base nos estudos de Lacerda et al., 2002, o presente estudo enfatiza os cinco princípios organizadores relativamente às crenças sobre a natureza homossexualidade como variável correlacionada com as medidas de preconceito contra os homossexuais, nomeadamente a escala de rejeição a proximidade e a escala de emoções positivas e negativas (Pereira, Monteiro e Camino, 2009, ver também Lacerda et al., 2002). É neste prisma que assenta todo o estudo, ou seja, é proposta a hipótese de que as crenças sobre a natureza da homossexualidade esteja relacionada com a homofobia no futebol.

### III. Método

#### 1.1 Participantes e Desenho

Participaram no estudo 184 praticantes de desportos coletivos, especificamente: futebol ( $n=103$ ), futsal ( $n= 48$ ) e outros ( $n=33$ ). Sendo, na sua maioria (96%), federados nas respectivas modalidades. Todos os inquiridos indicaram ser heterossexuais. A idade dos participantes varia de 16 e 41 anos ( $M=24,46$ ,  $DP= 6,24$ ). A maioria (74%) dos participantes é do sexo masculino, 78% são solteiros e apenas 19% são casados. Relativamente ao clube pelo qual os inquiridos são simpatizantes: 57 % revelaram ser do Benfica, 29% do Sporting, 11% do FC do Porto e outros 3%. (ver *Tabela 1*). O tempo médio de duração de resposta ao questionário fixou-se, aproximadamente, em cinco minutos. O estudo contempla um desenho correlacional no qual se pretende medir as crenças sobre a natureza da homossexualidade (variáveis independentes) e a sua relação com a homofobia no futebol – preconceito (variável dependente).

Características		N	%
Sexo	Feminino	48	26
	Masculino	136	74
Idade	16	1	5
	17	10	5
	18	29	16
	19	11	6
	20	15	8
	21	9	5
	22	15	8
	23	13	7
	24	6	3

Homofobia no futebol

	25	4	2
	26	4	2
	27	9	5
	28	11	6
	29	4	2
	30	9	5
	31	5	3
	32	5	3
	33	5	3
	34	5	3
	35	2	1
	36	2	1
	37	2	1
	38	2	1
	39	3	2
	40	2	1
	41	1	0,5
Modalidade			
	Futebol	103	56
	Futsal	48	26
	Outra/vertente futebol	33	18
Federado			

	Sim	176	96
	Não	8	4
Clube Simpatizante			
	Benfica	104	56
	Sporting	54	29
	F.C. Porto	21	11
	Outro	5	3
Estado civil			
	Solteiro	143	78
	Casado	35	19
	Outro	6	3

---

*Tabela 1. Características sócio-demográficas dos participantes*

### *1.2 Procedimentos*

O presente estudo contemplou apenas uma fase, baseada na resposta a um questionário. O mesmo foi respondido individualmente e sempre com a presença de pesquisador, treinado para o efeito e capaz de responder as todas as dúvidas. Identificado o público-alvo, contatos exploratórios foram antecipadamente efectuados com o intuito de garantir o máximo de participantes possíveis no estudo. Desta forma, o recurso a clubes desportivos, nomeadamente, de futebol e futsal, registados nas respectivas associações regionais, foram fundamentais para reunir a amostra do estudo. Os participantes preencheram os questionários no balneário, dos respectivos clubes, antes do início do treino semanal, ao qual seguiram uma nota introdutória representativa sobre a temática em investigação e foram informados de que os dados seriam confidenciais e seriam apenas utilizados para fins académicos, mantendo-se o anonimato dos participantes.

### 3. Medidas

Para uma investigação adequada e pertinente sobre a temática, aplicou-se um questionário, direccionado a desportistas, com intuito de perceber as atitudes relativamente a comportamentos sexuais, como ilustrado na introdução. Essa mesma introdução retrata apenas algo representativo do estudo, uma vez que o objetivo não se relacionara directamente com o descrito. O questionário conteve indicadores sobre as características sócio-demográficas dos participantes (género, idade, modalidade praticada, federado/ não federado, orientação sexual, estado civil e que clube de futebol é simpatizante), também, e para complementar a pesquisa, abarcava uma medida de Crenças sobre a natureza de homossexualidade, uma medida de Preconceito contra Homossexuais e uma medida de Expressões Emocionais perante homossexuais.

*Crenças sobre a natureza da homossexualidade:* Lacerda, et al. (2002), elaboraram e validaram a escala de crenças sobre a homossexualidade. Contudo, a escala utilizada foi a de Pereira e Monteiro (2009), validada em Portugal. A mesma foi adaptada e utilizada no estudo com o intuito de mensurar os cinco tipos de crenças sobre a natureza da homossexualidade, também propostos pelos mesmos autores, ou seja: religiosos: biológicos; ético-morais; psicológicos e culturais. A escala é composta por 15 itens, correspondendo três deles para cada uma das crenças descritas. Como exemplo ilustrativo: para a crença religiosa (“05-As causas da homossexualidade estão relacionadas com a falta de fé religiosa, característica de muitas sociedades.”), para a crença biológica (“01 - As causas da homossexualidade estão relacionadas com disfunções hormonais.”), crença ético-moral (“14- As causas da homossexualidade estão relacionadas com as alterações dos valores morais no sujeito.”), crenças psicológicas (“11 - As causas da homossexualidade estão relacionadas com a má resolução de conflitos com as figuras parentais.”) e crenças culturais (“15 - A causa da homossexualidade está relacionada com as práticas culturais de cada sociedade.”). A tarefa dos participantes passara por indicar o seu grau de concordância com cada item da escala, sendo que as respostas diferenciar-se-iam de 1 (Discordo totalmente) a 7 (Concordo totalmente). Os cinco índices, um para cada tipo de crença, apresentaram elevada consistência interna: religiosas ( $\alpha = 0,86$ ); ético-morais ( $\alpha = 0,84$ ); psicológicas ( $\alpha = 0,79$ ); culturais ( $\alpha = 0,75$ ); e biológicas ( $\alpha = 0,68$ ). Calculou-se um índice de crenças sobre a natureza da homossexualidade para cada uma das cinco sub-escalas e por participante, através da média dos valores de resposta aos três itens que integravam cada sub-escala (índices médios de crenças sobre a natureza da homossexualidade: religiosas,  $M = 2.70$ ;

$DP = 1.39$ ; ético-morais,  $M = 2.78$ ;  $DP = 1.30$ ; psicológicas,  $M = 3.00$ ;  $DP = 1.22$ ; culturais,  $M = 3.48$ ;  $DP = 1.33$ ; biológicas,  $M = 2.96$ ;  $DP = 1.19$ ).

*Medida do Preconceito contra Homossexuais:* Para verificar a medida do preconceito relativamente a homossexuais utilizou-se a escala de rejeição de proximidade com homossexuais, desenvolvida e validada por Lacerda et al. (2002). Outrora, Pettigrew e Meertens (1995), desenvolveram uma escala para medir uma das principais dimensões do racismo flagrante, a escala de rejeição à intimidade. A escala de rejeição a relações de proximidade com homossexuais emerge assim como uma adaptação da escala validada anteriormente. Pereira et al (2013), também utilizaram a mesma escala de medida, relativamente à oposição ao casamento civil e à adopção por famílias homoafectivas. No presente estudo, a escala de rejeição a relações de proximidade com homossexuais foi extrapolada para outro contexto: o futebol e a proximidade com supostas circunstâncias distintas ocasionais ou mesmo perante colegas de equipa homossexuais. O objectivo passara por determinar em que medida se sentiria constrangido o sujeito perante específica situação. O questionário, nesta medida, contemplava 12 itens e a tarefa dos participantes era indicar a medida de constrangimento em relação a cada uma das situações descritas nesses itens. Como exemplo: “12 – Comemorar um golo com um elemento da sua equipa, sendo homossexual assumido.”; “11 – Emprestar produtos de higiene pessoal a um membro da sua equipa sendo o mesmo homossexual assumido.”; “04 – Ter na equipa em que joga um colega homossexual.”; “07 - Ver casais homossexuais a namorar.”. As respostas variam de 1 (nada constrangido) a 7 (Muitíssimo constrangido). À semelhança do que foi efectuado na medida sobre as Crenças sobre a natureza da homossexualidade, calculou-se uma análise factorial (método dos eixos principais) aos *scores* obtidos. Retirado apenas um factor (cargas factoriais variando de 0,68 a 0,89; autovalor= 7,99), explicando 67 % de variabilidade nas respostas. A medida apresenta consistência interna ( $\alpha = 0,95$ ), o que permite a construção de um índice de preconceito, onde os scores mais elevados obtidos indicam maior preconceito contra homossexuais.

*Escala de Expressão Emocional:* a terceira parte do questionário remete a medida relativamente a emoções percebidas pelos desportistas perante os homossexuais. A escala de expressão emocional, foi desenvolvida por Dijker (1987). A mesma avalia as dimensões emocionais envolvidas no preconceito. Em 2002, Lacerda et al., no artigo “Um Estudo sobre as Formas de Preconceito contra Homossexuais na Perspectiva das Representações Sociais”, fizeram essa mesma adaptação. Elaborada uma lista com seis emoções, sendo três positivas (admiração, respeito e amor) e três negativas (desprezo, raiva e nojo), onde estudantes indicam, numa escala

variando de 1 (nunca) a 5 (muitas vezes), o quanto já sentiram estas emoções com relação a homossexuais. O presente estudo replica essa escala mas com a adição de mais quatro emoções, duas nas emoções positivas (aceitação e satisfação) e outras tantas nas negativas (tristeza e pena). Essa adição, de dois tipos de emoção, em cada uma das emoções, positivas e negativas, fora validada em contexto nacional por Pereira et al., 2009. Assim, a escala de expressão de emoções aplicada na investigação deriva dessa mesma validação, ou seja, dez emoções divididas pelos dois factores principais: emoções negativas e positivas. As respostas variam de 1 (nunca) a 7 (sempre). A pergunta seguia a premissa de que com que frequência sente as seguintes emoções em relação a homossexuais. Os *scores* obtidos foram submetidos a uma análise factorial (método dos eixos principais), sendo extraídos apenas dois factores. Os dois factores explicam 64,5% da variância das respostas à escala e organizam os itens conforme os dois tipos de emoções previstos. O primeiro factor satura as emoções negativas (cargas factoriais variando de 0,73 a 0,84; autovalor = 3,82; variância explicada = 38%). O segundo factor organiza as emoções positivas (cargas factoriais variando de 0,66 a 0,86; autovalor = 2,63; variância explicada = 26%). Posteriormente, construiu-se dois índices, um para cada tipo de emoção, os quais apresentaram elevada consistência interna: emoções positivas ( $\alpha = 0,82$ ); emoções negativas ( $\alpha = 0,87$ ).

## IV Resultados

A análise dos dados seguiu as indicações propostas no Modelo da Análise Quantitativa das Representações sociais (Doise, Clémence & Lorenzi-Cioldi, 1993), especialmente o uso de modelos de regressão para analisar como essas representações contribuem para o posicionamento das pessoas em relação aos temas socialmente relevantes, como o preconceito e a discriminação. Assim, para tentar responder ao problema de investigação que levantado, recorreu-se às equações de regressão linear multivariada. Procuramos saber em que medida os indicadores de Homofobia no futebol (rejeição à proximidade, expressão de emoções negativas e positivas) estão relacionados com as crenças dos participantes sobre a natureza da homossexualidade, controlando as por variáveis sociodemográficas.

*Tabela 2. Coeficientes de regressão padronizados (betas) obtidos na análise dos preditores da Homofobia no futebol.*

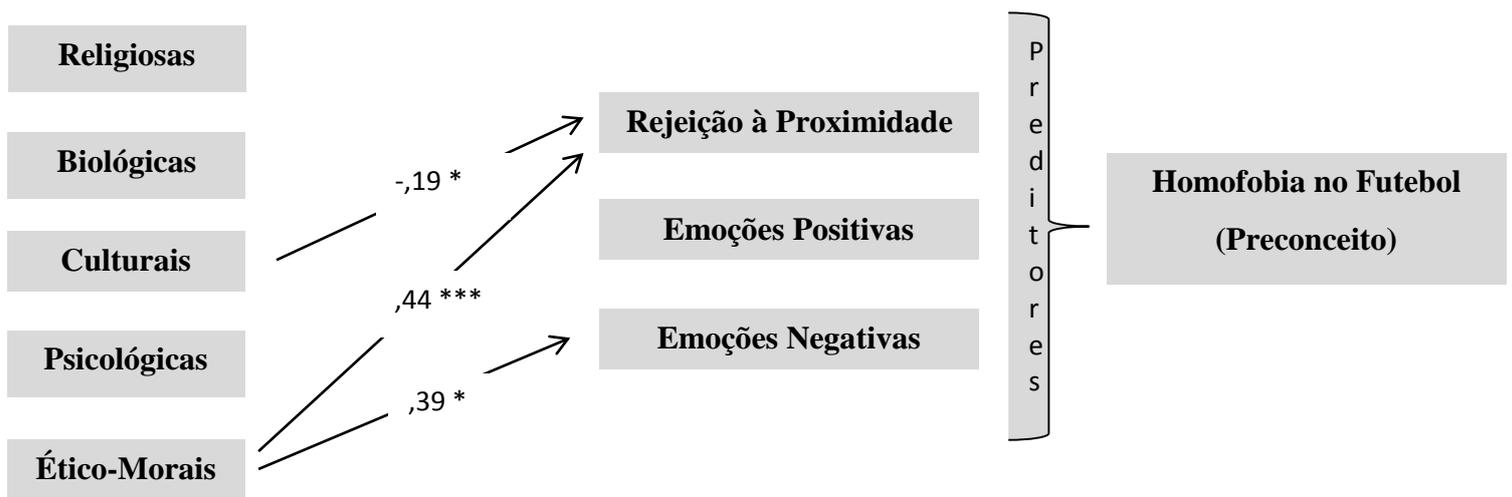
Preditores	Homofobia no Futebol (Preconceito)		
	$\beta$ Rejeição à Proximidade	$\beta$ Emoções Positivas	$\beta$ Emoções Negativas
<i>Sócio-demográficas:</i>			
Sexo	0,20**	- 0,33***	0,03
Idade	- 0,13*	- 0,01	- 0,13†
<i>Crenças da Natureza Homossexual:</i>			
Religiosas	0,16	- 0,05	- 0,10
Ético-morais	0,44***	- 0,13	0,39**
Biológicas	- 1,53	- 0,19	0,009
Psicológicas	0,17	- 0,01	0,09
Culturais	- 0,19*	0,06	- 0,06
R <sup>2</sup> ajustado	0,56	0,39	0,38

Três equações de regressão foram calculadas, uma para cada indicador de homofobia. Os resultados demonstram que o coeficiente de regressão múltipla, obtido na primeira equação, é significativamente diferente de zero,  $R = 0,56$ ,  $F(7, 176) = 11,77$ ,  $p < 0,001$ , ou seja, pelo menos uma das variáveis preditoras do modelo funciona como fator explicativo da Rejeição à proximidade e a Homofobia no futebol.

Como ilustrado na tabela 2, das variáveis sociodemográficas, a idade e o sexo predizem a rejeição à proximidade de modo que quanto menor é a idade maior é a rejeição à proximidade; os participantes do sexo masculino exprimem mais do que as participantes do sexo feminino. De maior importância, dois tipos de crenças sobre a Natureza da homossexualidade predizem a rejeição à proximidade: os desportistas que aderem a crenças Ético-morais exprimem maior rejeição, inferindo-se-lhes maior homofobia. Em sentido inverso, estão os inquiridos que optam pela crença na natureza cultural da homossexualidade, a mesma correlaciona-se negativamente com a Rejeição à proximidade, conferindo-se assim menor homofobia.

Na segunda equação de regressão, o coeficiente de regressão múltipla também é diferente de zero,  $R = 0,39$ ,  $F(7, 176) = 4,62$ ,  $p < 0,001$ . Neste caso, apenas a variável sexo tem um efeito explicativo significativo, de modo que os homens exprimem menos emoções positivas em relação aos homossexuais do que as mulheres.

Figura 1. Coeficientes de regressão padronizados obtidos na análise das relações entre as Crenças sobre a Natureza da Homossexualidade e a Homofobia no Futebol (Preconceito)



Nota: Os valores apresentados são os coeficientes de regressão padronizados. † $p < 0,07$ ; \* $p < 0,05$ ; \*\* $p < 0,01$ ; \*\*\* $p < 0,001$ .

Também na terceira equação de regressão, o coeficiente de regressão é diferente de zero,  $R = 0,38$ ,  $F(7, 176) = 4,28$ ,  $p < 0,001$ . Duas variáveis apresentam-se como preditores, uma nas sócio-demográficas e a outra no tipo de Crenças sobre a Natureza da Homossexualidade. O efeito na idade é apenas marginalmente significativo ( $t = -1,82$ ,  $p = 0,07$ ), de modo que quanto maior é a idade dos inquiridos, menor é a expressão de emoções negativas face aos homossexuais. No que se refere às crenças, quanto mais os desportistas consideram que a homossexualidade tem uma natureza ético-moral, maior é a expressão de emoções negativas.

A análise dos resultados obtidos indica a importância das Crenças sobre a Natureza da Homossexualidade no apoio que os participantes dão à Homofobia no futebol. A figura 1 apresenta, de uma forma resumida, o impacto do tipo de crença nos três indicadores de homofobia.

Pode dizer-se que os desportistas com maior adesão à crença numa natureza ético-moral da homossexualidade são aqueles que exprimem atitudes mais homofóbicas, sobretudo por meio da rejeição à proximidade e da expressão de emoções negativas em relação aos homossexuais. Por outro lado, os desportistas com maior adesão à crença numa natureza cultural da homossexualidade são aqueles com atitudes menos homofóbicas, ainda que o efeito destas crenças se tenha verificado apenas na rejeição à proximidade.

## V Discussão

O presente trabalho procurou responder a questões em volta a expressão do preconceito contra os grupos sociais minoritários, nomeadamente os homossexuais no contexto futebolístico. Como tronco central da investigação, a homofobia no futebol foi relacionada com estudos na literatura contemporânea que relacionam a expressão do preconceito com as crenças sobre a natureza da homossexualidade (ver Lacerda et al, 2002, Pereira, 2009, Pereira et al, 2011 e Pereira et al, 2013), sustentadas por literaturas clássicas, nomeadamente: o estudo das teorias do preconceito (ver Pettigrew & Meertens, 1995; Sears & Henry, 2003e a literatura sobre a essencialização dos grupos e categorias sociais (Medin & Ortony, 1989) e também na literatura das teorias do senso comum (e.g., Doise et al., 1993; Moscovici, 1976). Segundo Moscovici (1976), a teoria das representações sociais estuda como as teorias religiosas, filosóficas e científicas são transformadas em visões do senso comum e influenciam a percepção das pessoas e os seus julgamentos.

A questão fulcral desta investigação diz respeito a relação existente da expressão do preconceito contra os homossexuais e ancoradas nas crenças sobre a natureza da homossexualidade observada no contexto desportivo. O estudo mostra que algumas das crenças que as pessoas têm sobre a natureza da homossexualidade podem sustentar as atitudes homofóbicas. Dessa forma, depreende-se que a forma como percebemos a *homossexualidade* possa estar relacionado com as atitudes preconceituosas e a maneira de manifestação, ou seja, o conhecimento elaborado ancorado no domínio científico pode contribuir para a formação de crenças e teorias do senso comum que guiam as relações que as pessoas e grupos sociais mantêm entre si (Camino, 1998).

Os princípios organizadores, elaborados e validados por Camino e Pereira (2002), relativamente às crenças sobre a homossexualidade estiveram na base de toda a estrutura metodológica do estudo. Especificamente, as explicações *religiosas* que explicam a homossexualidade como uma atitude que não segue a palavra de Deus e que pode ser justificada como uma fraqueza espiritual que a pessoa possui que o impedem de resistir às tentações (Lacerda et al., 2002) e o distanciamento do modelo de família definido na tradição judaico-cristã (ver Greenberg & Bystry, 1982). As explicações baseadas em justificativas *ético-morais* reuniram as crenças de que a homossexualidade está relacionada à falta de carácter, de respeito e de valores morais do sujeito (Lacerda et al., 2002) (e.g., tendência para o ataque aos valores que sustentem o *status quo*) (Pereira et al., 2013). As explicações de natureza *culturais* derivam

da ideia de que a homossexualidade não é uma doença e deve ser compreendida na sua totalidade, pois trata-se de uma orientação sexual como outra qualquer (Lacerda et al., 2002) (i.e., a crença de que a homossexualidade tem base cultural e é uma opção normal da sexualidade humana) (Pereira et al., 2013). As explicações *psicológicas* foram formadas pela crença de que a homossexualidade está relacionada, sobretudo, aos traumas sexuais vividos na primeira infância (Lacerda et al., 2002). Finalmente, as explicações *biológicas* fundamentaram-se numa avaliação da homossexualidade como uma doença provocada por distúrbios de natureza fisiológica, hormonal ou gestacional (Lacerda et al., 2002).

A síntese dos resultados demonstra que as crenças ético-morais e culturais estão significativamente correlacionadas com a homofobia no futebol. Contudo, os efeitos de correlação são distintos nos dois tipos de crença, ou seja, os ético-morais estão positivamente correlacionados com a homofobia e a crença cultural negativamente. Dessa forma, admite-se que as crenças ético-morais signifiquem uma maior expressão do preconceito contra os homossexuais futebolistas. Esses mesmos resultados foram encontrados nos estudos de Lacerda et al., 2002, Pereira et al., 2011 e Pereira et al., 2013, em contextos diferenciados, isto é no contexto universitário e no contexto religioso. No primeiro, inserido em contexto estudantil, nomeadamente em uma amostra recolhida em uma universidade do Brasil, os resultados mostram que os estudantes de engenharia aderiam às explicações ético-morais e que as mesmas se revelavam significativamente positivas contra os homossexuais, denunciando um tipo de preconceito flagrante (Lacerda et al., 2002). No segundo, Pereira et al., 2011, a mesma análise foi feita em uma amostra de seminaristas católicos e protestantes, neste caso em um contexto religioso. Os aderentes ao tipo de crença ético-moral também se posicionam desfavoravelmente contra a homossexualidade, entretanto os católicos tiveram uma expressão do preconceito subtil e os seminaristas protestantes mostraram ter uma expressão contra os homossexuais de uma maneira flagrante. Por fim, no terceiro estudo, Pereira et al., 2013, testaram as crenças mediadas pelo preconceito nas políticas discriminatórias, oposição ao casamento e adopção de crianças por casais homoafectivos (Pereira et al., 2013). As crenças de natureza ético-moral predizem maior discriminação contra os homossexuais. Os resultados do estudo apontam para o reforço do paradigma de que a crença ético-moral se posiciona como preditor do preconceito contra os homossexuais assim como foi demonstrado no estudo em questão em uma amostra de desportistas em Portugal. Este resultado pode sugerir que as pessoas que acreditam que a explicação para a natureza da homossexualidade com base em questões ético-morais são mais

suscetíveis a expressões mais homofóbicas que as pessoas que acreditam em outro fundamento explicativo para a homossexualidade.

Os resultados encontrados na pesquisa revelam uma comparação directa com os estudos já mencionados. Nas crenças culturais, o efeito significativo negativo demonstra uma similaridade no tipo de crença cultural com outras investigações. No contexto futebolístico os aderentes a este tipo de crença sobre a natureza da homossexualidade revelam uma menor rejeição à proximidade, demonstrando, dessa forma, que este tipo de crença não revela qualquer tipo de homofobia, situando-os como mais tolerantes e com menor expressão homofóbica. Esse mesmo efeito, desmarcando-se o contexto, foi denotado nos estudos de Haslam e Levy (2006), Camino e Pereira (2000), Lacerda et al., (2002), Pereira, Torres e Pereira (2004) e Pereira et al. (2013). No estudo, “Essentialist Beliefs about Homosexuality: Structure and Implications for Prejudice”, de Haslam e Levy (2006) (ver, os estudos 2 e 3), os mesmos revelam a replicação dos estudos de Hegarty e Pratto (2001), constatando que a crença cultural na relação com o preconceito é *tolerante*, associada a baixos níveis de preconceito. Camino e Pereira (2000), com base nos princípios organizadores das explicações que os professores de Psicologia dão para a natureza da homossexualidade, mostraram os mesmos resultados. Os autores verificaram que os professores que recorrem a explicações psicossociais/culturais tinham uma atitude mais positiva para com a relação Resolução 001/99 do Conselho Federal de Psicologia do Brasil (ver, Camino & Pereira, 2000), ou seja, menos discriminatórios perante os homossexuais. Lacerda et al., 2002, identificaram os estudantes de psicologia como igualitários/não preconceituosos por aderirem às crenças explicativas culturais. Noutro contexto, numa adaptação dos estudos outra minoria sexual, nomeadamente as prostitutas, os autores, Pereira et al., 2004, no artigo “Preconceito contra prostitutas e representações sociais da prostituição em estudantes de teologia católicos e evangélicos”, verificaram que a crença cultural era um preditor não preconceituoso, relevando emoções positivas significativas e rejeição à proximidade e emoções negativas como efeitos significativos negativos. Também, Pereira et al., 2013 verificaram o mesmo efeito na crença cultural. No caso, os estudantes inquiridos relativamente ao preconceito (efeito mediador) e na discriminação (como situação comportamental) que aderem às crenças culturais retratam-se como não preconceituosos, em relação ao preconceito e nas políticas discriminatórias, especificamente o casamento civil e adopção por famílias homoafectivas. A crença cultural subjaz-se, assim, relacionada de forma negativa com a homofobia no futebol, ou seja, quem adere a este tipo de crença sobre a natureza da homossexualidade tende a ser menos expressões

preconceituosas contra os homossexuais. O presente estudo realça a ideia de que a homossexualidade se situa no quadro das orientações sexuais, institucionalizada pela APA (1975), e, dessa forma, seja assimilada com base nos padrões socialmente aceites, resultado da luta dos movimentos sociais que lutam pela universalidade dos direitos humanos. Segundo Camino, (1998) associar à ideia de que a orientação sexual é cultural e socialmente construída pode estar na base de atitudes menos preconceituosas e no apoio às políticas anti-discriminatórias contra os homossexuais. Estes resultados reforçam a ideia de que a crença cultural pode ancorar uma perceção menos preconceituosa contra os homossexuais, desta feita, extrapolada ao contexto desportivo. Subentende-se que os movimentos sociais, maioritariamente protagonizados pelas instituições responsáveis pelo futebol (Fédération Internationale de Football Association-FIFA) e pelos seus protagonistas, nomeadamente as grandes figuras do futebol Mundial, podem contribuir para uma maior aceitação social sobre a homossexualidade e que essa discriminação diminua com o tempo.

Embora as restantes crenças tenham sido correlacionadas e analisadas no estudo: religiosa; biológica e psicológica, nenhuma destas se verificou significativa. Dessa forma no contexto do futebol, essas crenças parecem ancorar fortemente uma maneira de pensar sobre a homossexualidade e que desta forma justifica uma natureza de expressão do preconceito mais homofóbica, como encontrado nos estudos realizados noutros contextos. As crenças significativamente relacionadas com a homofobia no desporto sugerem um processo de transformação que pode ser entendido à luz do conceito de princípios organizadores proposto por Doise (1986) para descrever de forma mais precisa o conceito de representações sociais (Pereira et al., 2013), i.e., o conhecimento institucionalizado parece ter organizado o posicionamento dos participantes face à homossexualidade e isso demonstrou-se decisivo para a expressão da homofobia no futebol.

Nas crenças religiosas, o presente estudo, não corrobora estudos outrora realizados. Na investigação de Pereira et al., 2011, em *preconceito contra homossexuais e representações sociais da homossexualidade em Seminaristas Católicos e Evangélicos*, os resultados apontam para que este tipo de crença seja uma condição necessária explicativa no preconceito contra homossexuais. A mesma crença é reportada nos estudos de Adamczyk e Pitt (2009), Lacerda et al. (2002), Morrison, Kenny, e Harrington (2005), Pereira (2009), Pereira et al. (2013) e Tsang e Rowatt (2007), como preditora de maior preconceito contra homossexuais. O resultado de que a crença religiosa não se relaciona com a homofobia no futebol julga-se a averiguação mais

surpreendente no estudo. Todas as investigações catalogadas com a temática das crenças revelam a importância da crença religiosa com a homofobia. Essa norma, em grande parte, encontradas nas justificativas dadas por passagens bíblicas, onde o seu conteúdo retrata de forma explícita e objectiva a rejeição de tal comportamento como aceitável perante os ideais de Deus, contribuindo para a institucionalização das ações de rejeição aos homossexuais (A. Pereira, 2009), parece prevalecer nas atitudes preconceituosas, noutros contextos, excluindo-se assim essa hipótese na homofobia no desporto. Esse resultado pode ter ocorrido devido a uma suposta hierarquia de valores e esta questão ter sido observada como pouco importante no contexto futebolístico.

A ausência de relação significativa das crenças na natureza biológica com a homofobia no contexto desportivo, também, não apresenta coerência com a investigação sobre as crenças biológicas e genéticas e a atitude anti-gay (Haslam & Levy, 2006; Jayaratne et al., 2006). Segundo Pereira (2009), também reforça a proposta que a crença biológica e psicológica se difundem numa transformação de concepções do senso comum, sendo as mesmas amplamente partilhadas. Contudo o estudo também constata que a crença biológica tem o papel de anulação na norma anti-homofobia e na redução do preconceito contra homossexuais (A. Pereira, 2009). A mesma relação foi encontrada nas investigações de Hegarty e Pratto, (2001) e Haslam et al. (2002). Nos primeiros, a crença biológica tem maior correlação com as emoções positivas, na crença imutabilidade da homossexualidade, traduzindo-se numa atitude anti-homossexual. Haslam et al., (2002), verificaram que as crenças biológicas reduzem a homofobia. O paradigma de que a crença biológica seja difundida como uma doença na gestação (A. Pereira, 2009), como sustentado na literatura do século XIX (ver Bullough, 1974), não foi encontrado como justificativa no contexto futebolístico, como uma concepção relevante explicativa na homofobia.

Lacerda et al., 2002, no estudo já mencionado, *um estudo sobre as formas de preconceito contra homossexuais na perspectiva das representações sociais*, mostrou que os aderentes às crenças psicológicas se enquadravam nos tipos de preconceituosos subtis, próprios dos estudantes de medicina e das mulheres e que se caracteriza por pessoas que alegam não ter nada contra os homossexuais, mas também não têm nada a favor (Pereira et al., 2011). Este tipo de crença, popularizada no século XX, por Freud (ver Freud, 1905/ 1962), que considerava a homossexualidade como uma perturbação no desenvolvimento da sexualidade, não é susceptível de qualquer significância no presente estudo. Em suma, a crença psicológica não é significativa na homofobia do futebol, como verificada noutro tipo de contexto.

Relativamente aos dados sócio-demográficos, o estudo comprova a influência do sexo como um preditor homofóbico. O presente, confere menor preconceito às mulheres perante os

homossexuais do que aos homens, corroborando os estudos anteriores (ver Lacerda et al., 2002; Brandyberry & MacNair, 1996; Hogan & Rentz, 1996). Novamente, afere-se que o contexto possa influenciar os participantes. A representação social que relaciona o futebol como um desporto prioritariamente para homens e recheado de virilidade masculina pode ter alguma influência na concepção idealizante, e retratada nos resultados encontrados neste estudo, tendo em conta que a maioria dos participantes tinham como o futebol como o desporto citado. Também a homossexualidade feminina, como conferido por Kempf e Kaser (1996), desempenha um papel peculiar na representação dos homossexuais (citado por Lacerda et al., 2002) pois é observado que neste caso a homofobia é mais amena do que o que é encontrada no grupo dos homossexuais masculinos. É expectável que no meio futebolístico, por toda a sua envolvimento masculina inerente, que a homossexualidade masculina seja menos aceite, ou mesmo recusada, na sua maioria. Desde da infância, mesmo no pátio do recreio, a expressão de que “o futebol não é para meninas” ressoa na nossa cultura. Esse paradigma é reforçado ao longo do nosso desenvolvimento e espelha na sua plenitude no que consiste o que se passa nas “quatro linhas” e se estende para lá das mesmas, quase suportando a ideia de que há uma norma social homofóbica no futebol. Contudo, outros estudos podem testar esta hipótese e perceber se a homossexualidade feminina, em contexto futebolístico, possa ser mais aceitável do que a masculina. Essa metáfora pode ser explicativa da verdadeira relação entre futebol e homem.

Este estudo também mostra que os mais novos apresentam maior expressão contra os homossexuais do que os mais velhos. Estes resultados são também verificados por Pereira et al. (2013). Esta concepção pode romper com o estigma de que os mais velhos são mais “conservadores” e que se regem por normas mais restritas e aceitáveis pela sociedade em geral. Esta avaliação pode ser devido ao em que o estudo é aplicável. Contudo, a ideia de que os mais jovens se revelam como mais homofóbicos é um dado relevante para o estudo e possa servir como padrão para futuros estudos, na verificação dos mesmos resultados, em detrimento do contexto, para que esse chavão possa ser desmitificado.

Embora a investigação efectuada apresente evidência empírica suficiente para a sustentação da hipótese de que as crenças sobre a natureza da homossexualidade estão relacionadas com a homofobia no futebol, a mesma revela algumas limitações de importante relevo. Por exemplo, outros estudos, relacionados com a temática, à luz da investigação de Lacerda et al., 2002, remeteram, na análise estatística, a tipologia dos tipos de preconceito validados por Pettigrew e Meertens (1995), ou seja, preconceituosos flagrantes, preconceituosos subtis e não preconceituosos/igualitários. Com essa análise, os resultados

ilustrariam de uma forma mais clara a existência, ou não, de preconceito e que tipo de preconceito se coadunava nas crenças sobre a natureza da homossexualidade. Este estudo não analisou o perfil dos inqueridos pela amostra, desta forma essa lacuna não permite enquadrar os participantes num tipo de preconceito empiricamente testado por Pettigrew e Meertens (1995). Sendo assim, o estudo só revela a significância apresentada na relação directa entre as crenças e a homofobia no futebol. Outra questão que não foi estudada, refere-se falta de controlo da variável *localidade* do participante deste estudo. Como a amostra se diferenciou por todo o País, seria interessante em outro estudo analisar essa variável como uma preditora de maior ou menor homofobia, partindo do pressuposto que a região Centro-Vale do Tejo fosse menos conservadora do que zonas mais interiores e aliadas a costumes e tradições mais vincadas. Outro aspecto a ser estudado consta no fato de a investigação não ter um efeito de mediação, como por exemplo, no estudo de Pereira et al., 2013, onde a discriminação é mediada pelo preconceito. Julga-se que a inserção da mediação pode ser uma questão interessante para a análise dos resultados do estudo e que a interpretação dos mesmos assentasse com uma conotação mais explicativa na discriminação dos homossexuais no futebol. Outra questão seria um estudo experimental, pois a limitação mais importante refere-se ao método correlacional adoptado ser inviável perceber a causa. Como já referido, mesmo percebendo a relação entre as crenças e a homofobia a mesma carece apenas de uma relação, o que não permite que possamos afirmar, empiricamente, que o processo ocorre nesse sentido ou no inverso. Mesmo assim, considera-se que a direcção da relação proposta está teoricamente consistente com a temática apresentada, ou seja, que as representações (i.e., as crenças sobre a natureza da homossexualidade) estão na base das atitudes dos actores sociais (Moscovici, 1976), pois modelam o modelo e são justificativas da sua posição contra a homofobia no futebol. Em suma, pensa-se que o estudo, apesar de pouca ou inexistência de literatura sobre a temática – homofobia no futebol, é valorizado pela relação encontrada nas crenças como preditoras de homofobia neste contexto e que essa constacção possa ser determinante para o interesse científico e novos estudos exploratórios. Afinal, o futebol em Portugal parece, cada vez mais, aliado a uma marca social à qual ninguém fica indiferente. E, pode servir como um veículo importante na redução do preconceito, não só no mesmo contexto, de grupos minoritários sexuais, bem como uma regra generalizada.

## VI Referências

- Airès, P. *Reflexões Sobre a História da homossexualidade*. In: Airès, P & Bejin, A. (Orgs.) Sexualidades Ocidentais. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- Alport, G. (1954). *The natural prejudice*. Reading, MA: Adison-Wesley Publishing Company.
- Biernat, M., Vescio, T. K., Theno, S. A. & Crandall, C. S. (1996). *Values and prejudice: Toward understanding the impact of American values an outgroup attitudes*. Em C. Seligman, J. M. Olson & M. P. Sanna (Orgs.). *The psychology of values: The Ontario Symposium*, vol. 8 (pp.153-189). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associated.
- Billig, M. (1984). Racisme, prejudices et discrimination. In Moscovici (Ed.), *Psychologie Sociale*. Paris: PUF.
- Brash, A. (1998). *Encarando nossas diferenças: as Igrejas e seus membros homossexuais*. São Leopoldo: Sinodal.
- Britzman, D. (1996) O que é esta coisa chamada amor: identidade homossexual, educação e currículo. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 21, n. 1, p. 71-96.
- Brown, R. (1995). *Prejudice: Its social psychology*. Oxford: Blackwell.
- Bruner, J., & Tagiuri, R. (1954). The perception of people. In G. Lindzey & E. Aronson (Eds.), *Handbook of Social Psychology* (Vol. 2, pp. 634-654). Reading, MA: Addison- Wesley.
- Camino, L. (1996). *Uma abordagem psicossociológica no estudo do comportamento político*. *Psicologia e Sociedade*, 8, 16-42.
- Camino, L. & Pereira, C. (2000). O papel da Psicologia na construção dos direitos humanos: Análise das teorias e práticas psicológicas na discriminação do homossexualismo. Em F. Guimarães (Org.), *A interdisciplinariedade em questão*. Campina Grande: UEPB.
- Ceccarelli, R. (2000) *Sexualidade e Preconceito*. In: Revista Latino americana de Psicopatologia Fundamental, São Paulo, III, 3, 18-37.
- Chung, B. (1995). Carrer decision making of lesbian, gay and bisexual individuals. *The Career Development Quarterly*, v. 44, n. 2, p. 178 – 186.

- Croteau, J. (1996). *Research on the work experiences of lesbian, gay and bisexual people: an integrative review of methodology and findings*. Journal of Vocational behavior, v. 48, n. 12, p. 119 – 124.
- Costa, F. (2001). *Aspectos do preconceito étnico em relação ao negro: um estudo empírico no sector supermercadista de João Pessoa* (Dissertação de Mestrado). João Pessoa, PB: Universidade Federal da Paraíba – Departamentode Psicologia.
- Da Matta, R. (1977). *Constraint an License: a preliminaray study of two brasilian rituals*.
- Dinis, N. F. (2008). Educação, relações de gênero e diversidade sexual. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 29, p. 477-492.
- Dollard, J., Doob, L., Miller, N. Mowrer, O. & Sears, R. (1939). *Frustration and aggression*. New York: Yale University Press.
- Doise, W. (1972). Relations et représentations inter-groupes. In S. Moscovici (Ed.), *Introduction à la psychologie sociale* (Vol.2). Paris: Larousse.
- Doise, W. (1982). *L'explicacation en psychologie sociale*. Paris: PUF.
- Festinger, L. (1954). A theory of social comparison processes. *Human Relations*, 7, 117 – 140.
- Fiske, S. & Taylor, S. (1991). *Social cognition*. New York: McGraw-Hill. Forces, 77(3), 911-944.
- Frank, D. J., & McEneaney, E. H. (1999). The individualization of society and the liberalization of states policies on same-sex sexual relations, 1984-1995. *Social*
- França, D. & Monteiro, M. B. (2004). *A expressão das formas indirectas de racismo na infância*: Revista Análise Psicológica, vol.22, n.4, p.705-720, 2004.
- Freitas, M. (2002). *Do amor grego à paixão nacional: masculinidade homoeroticidade no futebol brasileiro*, (online), disponível em: <http://www.efdeportes.com>
- Formiga, N., et al (2008). Atitudes preconceituosas frente a grupos minoritários, acções afirmativas e contacto social. *Revista Psicologia em Estudo*.
- Foucault, M. *História da Sexualidade I – A Vontade de Saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

- Green, V. A. (2008). Bullying. In N. J. Salkind (Ed.) *Encyclopedia of Educational Psychology* (pp. 119-124). Sage Publications: USA.
- Godelier, M. (1972). *Sobre el modo de producción asiático*. 2º ed, Martinez Roca: Barcelona.
- Gómez, A. & Huici, C. (2001). Valores y reducción del prejuicio. Em M. Ros & V. V. Gouveia (Orgs.). *Psicología social de los valores humanos: avances teóricos, metodológicos y aplicados*. Madrid: Biblioteca Nueva.
- Guedes, L. (1977) *O Futebol brasileiro - instituição zero*. Museu Nacional: Rio de Janeiro.
- Heider, F. (1958). *A psicologia das relações interpessoais*. S. Paulo: Livraria Pioneira Editora.
- Helal, R. (1997). *Passes e Impasses: Futebol e cultura de massa no Brasil*. Vozes: Petrópolis.
- Jones, J. M. (1972). *Prejudice and racism*. Reading, Massachusetts: Addison- Wesley.
- Marques, J. M. (1986). *Toward a definition of social processing of information: An application to stereotyping*. Tese de doutoramento, Universidade Catholique de Louvain, Louvain.
- McConahay, J. B. (1983). *Modern racism and modern discrimination*. *Personality and Social Psychology Bulletin*.
- Mickens, Ed. (1994). Including sexual orientation in diversity programs and policies. *Employment relations today*, v. 21, n. 3, p. 263 – 275,
- Moscovici, S. (1976). *Social influence and social change*, Academic Press, 1976. London: Academic Press.
- Myers, D. G. (2000). *Psicologia social*. Rio de Janeiro: LTC.
- Lacerda, M., Pereira, C., & Camino, L. (2002). Um estudo sobre as formas de preconceito contra homossexuais na perspectiva das representações sociais. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 15 (1), 165 – 178.
- LeVine, R. A., & Campbell, D. T. (1972). *Ethnocentrism: Theories of conflict, ethnic attitudes, and group behavior*. New York: John Wiley & Sons.
- Lima, M. e Vala, J. (2002), *Individualismo meritocrático, diferenciação cultural e racismo*, in *Análise Social*, Vol. 37, nº 162 pp. 181-207.
- Lima, M. & Vala, J. (2004). *As novas formas de expressão do preconceito e do racismo*. *Estudos de Psicologia*, vol.9, n.3, p. 401-411.
- Louro, G. L. (1997) *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes.
- Oakes, P., Haslam, S. A. & Turner, J. C. (1994). *Stereotyping and social reality*. Oxford: Blackwell.

- O'Higgins-Norman, J. (2008). Equality in the provision of social, personal and health education in the Republic of Ireland: the case of homophobic bullying? *Pastoral Care in Education*, 26(2), 69–81.
- Outhwaite, W. & Bottomore, T. (1993). *Dicionário do Pensamento Social do Século XX*. Jorge Zahar Editor: Rio de Janeiro.
- Padoveze, J. (2009). *A adoção de crianças por casais homossexuais*. Tese de doutoramento.
- Paluck, E. L. (2009a). Reducing intergroup prejudice and conflict using the media: A field experiment in Rwanda. *Journal of Personality and Social Psychology*, 96(3), 574-587.
- Pereira, A. (2009). *Normas Sociais, Crenças sobre a Natureza da Homossexualidade e Preconceito contra os Homossexuais*. Tese de Doutoramento em Psicologia Social e Organizacional. Lisboa: ISCTE- IUL.
- Pereira, C., Torres, A. R. R., & Pereira, A. (2003). Preconceito contra prostitutas e representações sociais da prostituição em estudantes de teologia católicos e evangélicos. Em M. E. Lima & E. Pereira (Eds.), *Estereótipos, preconceito e discriminação: perspectivas teóricas e metodológicas* (pp. 209 – 234). Salvador: EDUFBA.
- Pereira, C., Torres, A. R. & Pereira, A. S. (2004). *Representações sociais da prostituição e preconceito contra as prostitutas*. Em M. E. Lima (Org.), *Estereótipos, preconceito e discriminação: Perspectivas teóricas e metodológicas* (pp. 209-234). Salvador: EDUFBA.
- Pereira, A. S., Monteiro, M. B. & Camino, L. (2009). Estudo da Validação das Escalas de Crenças sobre a Natureza da Homossexualidade e de Preconceito Contra Homossexuais. *Laboratório de Psicologia*, 7, 21-32.
- Pereira, C., Torres, A. R., Pereira, A. & Falcão, L. (2011). *Preconceito contra Homossexuais e Representações Sociais da Homossexualidade em Seminaristas e Evangélicos*. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, vol. 27, n. 1, pp, 77 – 82.
- Pereira, C., Torres, A. R., Falcão, L. & Pereira, A. (2013). *O Papel de Representações Sociais sobre a Natureza da Homossexualidade na Oposição ao Casamento Civil e à adoção por Famílias Homoafetivas*. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, vol. 29 n.1, pp. 79 – 89.
- Pettigrew, F. & Meertens, R. (1995). *Subtle and blantant prejudice in Wester Europe*. *European Journal of Social Psychology*, 25, 57-75.
- Piaget, J. (1947/1967). *La psychologie de l'intelligence*. Paris: Armand Colin.
- Plant, E. & Devine, P. (1998). *Internal and external motivation to respond without prejudice*. *Journal of Personality and Social Psychology*, 75, 811-832

- Poteat, V. P., & Espelage, D. L. (2005). Exploring the relation between bullying and homophobic verbal content: The Homophobic Content Agent Target (HCAT) Scale. *Violence and Victims*, 20, 513-528.
- Rodrigues, A, Assmar, E. M. L. & Jablonski, B. (2000). *Psicologia social*. Petrópolis: Vozes.
- Rodríguez-Bailón, R., Barranco, J. & Casado, P. (2000). *Tipos motivacionales de valores dominantes y prejuicio hacia grupos minoritarios*. Em D. Caballero, M. T. Méndez & J. Pastor (Orgs.). *La mirada psicosociológica* (pp. 273-279). Madri: Biblioteca Nueva.
- Rokeach, M. (1960). *The open and closed mind*. New York: Basic Books.
- Salthouse, T. (1992). The information-processing perspective. In R. Sternberg & C. Berg (Eds.), *Intellectual developmental Review* (pp. 261-277). Cambridge: Cambridge University Press.
- Sears, D. O., & Henry, P. J. (2003). The origins of symbolic racism. *Journal of Personality and Social Psychology*, 85 (2), 259 – 275.
- Sherif, M. (1967). *Group conflict and cooperation: Their social psychology*. Londres: Routledge e Kegan Paul.
- Smigay, K. (2001). *Relações violentas no espaço da intimidade - drama privado ou tragédia pública*. São Paulo: PUC, Tese de Doutorado.
- Soliva, T. B. & Góis, J. B. H. (2009). *Quando a casa é o lugar do perigo: um estudo da violência intrafamiliar sofrida por jovens homossexuais*. In Resumos, 8. Reunión de Antropología del Mercosur (RAM), Buenos Aires. Buenos Aires: Universidad Nacional de Dan Martín.
- Souza, A. (1997). *Género e Raça: a nação construída pelo Futebol brasileiro*. In: SORJ, Bila, Stolcke, Verena et alii. *Cadernos Pagu - raça e gênero*. Campinas: UNICAMP, n. 06.
- Schulman, S. (2009). Familial homophobia: an experience in search of recognition. In: *Ties that Bind: Familial Homophobia and Its Consequences*. New York: The New Press.
- Tajfel, H. (1972). La categorization sociale. In S. Moscovici (Ed.), *Introduction à la psychologie sociale* (vol. 1). Paris: Larouse.
- Tajfel, Sheikh & Gardner (1964). Content of estereotypes and the influence of similarity between members of stereotyped groups. *Acta Psychologica*, 22, 191 – 201.
- Tajfel, H., & Wilkes, A. L. (1963). Classification and quantitative judgement. *British jornal of Social Psychology*, 54, 101114.

- Turra, C. & Venturi, G. (1995). *Racismo Cordial: a mais completa análise sobre preconceito de cor no Brasil*. São Paulo: Ática.
- Vala, J. Brito, R., & Lopes, D. (1999). *Expressões dos racismos em Portugal*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais.
- Vasconcelos, T. C., Gouveia, V. V., Souza Filho, M. L., Sousa, D. M. F., & Jesus, G. R. (2004). *Preconceito e intenção em manter contato social: evidências acerca dos valores humanos*. *Psico-USF*, v. 9, n. 2, p. 147-154.

Sites acedidos:

[http://expresso.sapo.pt/tribunal-europeu-dos-direitos-humanos-defende-adocao-por casais-homossexuais=f788195#ixzz2QpA5n3ZC](http://expresso.sapo.pt/tribunal-europeu-dos-direitos-humanos-defende-adocao-por-casais-homossexuais=f788195#ixzz2QpA5n3ZC)

<http://placar.abril.com.br/>

<http://www.publico.pt/>

<http://www.dn.pt>

## **VII Anexos**

---

**Caro/a Desportista:**

Este estudo pretende avaliar quais são as opiniões dos desportistas sobre questões relacionadas com o comportamento sexual. Lembramos que não existem respostas certas ou erradas, pois o que nos interessa é sua opinião pessoal sobre este tema. Garantimos o total sigilo de suas respostas.

Na certeza de poder contar com a sua colaboração, agradecemos antecipadamente.

---

---

01 – Indique em que medida concorda ou discorda de cada uma das afirmações abaixo sobre a homossexualidade. Assinale com um círculo o número que melhor representa a sua opinião, de modo que quanto mais elevado o número, maior será o seu grau de concordância com a afirmação.

	Discordo Totalmente	Discordo Muito	Discordo	Neutro	Concordo	Concordo Muito	Concordo Totalmente
01 - As causas da homossexualidade estão relacionadas com disfunções hormonais .....	1	2	3	4	5	6	7
02 - As causas da homossexualidade estão relacionadas com a falta de obediência à Palavra de Deus .....	1	2	3	4	5	6	7
03 - As causas da homossexualidade estão relacionadas com a falta de respeito pelas normas que regulam o comportamento sexual .....	1	2	3	4	5	6	7
04 - As causas da homossexualidade estão relacionadas com abusos sexuais sofridos na infância.....	1	2	3	4	5	6	7
05 - As causas da homossexualidade estão relacionadas com a falta de fé religiosa, característica de muitas sociedades.....	1	2	3	4	5	6	7
06 - As causas da homossexualidade estão relacionadas com problemas hereditários.....	1	2	3	4	5	6	7
07 - A causa da homossexualidade é relacionada com a perversão do comportamento sexual normal .....	1	2	3	4	5	6	7
08 - A causa da homossexualidade é a preferência da pessoa por essa orientação sexual .....	1	2	3	4	5	6	7
09 - As causas da homossexualidade estão relacionadas com problemas de má formação no período da gestação.....	1	2	3	4	5	6	7
10 - A causa da homossexualidade é o modo como se forma a identidade da pessoa.....	1	2	3	4	5	6	7
11 - As causas da homossexualidade estão relacionadas com a má resolução de conflitos com as figuras parentais.....	1	2	3	4	5	6	7
12 - As causas da homossexualidade estão relacionadas com a fraqueza espiritual para resistir às tentações.....	1	2	3	4	5	6	7
13 - As causas da homossexualidade estão relacionadas com a falta de caráter. ....	1	2	3	4	5	6	7
14 - As causas da homossexualidade estão relacionadas com as alterações dos valores morais no sujeito .....	1	2	3	4	5	6	7

15 - A causa da homossexualidade está relacionada com as práticas culturais de cada sociedade..... 1 2 3 4 5 6 7

02 – Indique quanto se sente ou se sentiria constrangido nas seguintes situações. Coloque um círculo em torno do número correspondente ao seu grau de constrangimento. Quanto mais elevado o número, maior o constrangimento que sente ou sentiria com essa situação.

	Nada Constrangido	Pouquíssimo Constrangido	Pouco Constrangido	Moderadamente	Constrangido	Muito Constrangido	Muitíssimo Constrangido
01 – Ter na equipa de futebol pela qual seja simpatizante um jogador homossexual.....	1	2	3	4	5	6	7
.							
02 – Receber em sua casa um casal homossexual.....	1	2	3	4	5	6	7
03 – Ter amigos que sejam homossexuais assumidos.....	1	2	3	4	5	6	7
04 – Ter na equipa em que joga um colega homossexual.....	1	2	3	4	5	6	7
05 – Ter um (a) filho (a) homossexual.....	1	2	3	4	5	6	7
06 – Saber que um familiar próximo é homossexual .....	1	2	3	4	5	6	7
07 - Ver casais homossexuais a namorar .....	1	2	3	4	5	6	7
08 – Ter um (a) treinador (a) homossexual.....	1	2	3	4	5	6	7
09 – Conversar com homossexuais .....	1	2	3	4	5	6	7

Homofobia no futebol

10 – Compartilhar alojamento com homossexuais assumidos. ....	1	2	3	4	5	6	7
11 – Emprestar produtos de higiene pessoal a um membro da sua equipa sendo o mesmo homossexual assumido.....	1	2	3	4	5	6	7
12 – Comemorar um golo com um elemento da sua equipa, sendo homossexual assumido.....	1	2	3	4	5	6	7

03 – Com que frequência sente as seguintes emoções em relação a homossexuais? Coloque um circulo no número correspondente à frequência com que sente cada emoção. Quanto mais elevado o número, mais frequente é a emoção.

	Nunca	Raramente	Poucas Vezes	Algumas Vezes	Muitas Vezes	Frequentemente	Sempre
01 – Admiração.....	1	2	3	4	5	6	7
02 – Tristeza.....	1	2	3	4	5	6	7
03 – Aceitação.....	1	2	3	4	5	6	7
04 – Nojo.....	1	2	3	4	5	6	7
05 – Ternura.....	1	2	3	4	5	6	7
06 – Desprezo.....	1	2	3	4	5	6	7
07 – Satisfação .....	1	2	3	4	5	6	7
08 – Raiva.....	1	2	3	4	5	6	7
09 – Respeito.....	1	2	3	4	5	6	7
10 – Pena.....	1	2	3	4	5	6	7

Género: [ 1 ] Masculino; [ 2 ] Feminino; Idade \_\_\_\_\_ .

Que modalidade desportiva pratica? \_\_\_\_\_ Federado: Sim ( ) Não ( )

Orientação Sexual : [ 1 ] Homossexual; [ 2 ] Heterossexual [ 3 ] Transexual [ 4 ]

Outro

Estado Civil: [ 1 ] Solteiro; [ 2 ] Casado ;[ 3 ] Outro: \_\_\_\_\_.

Clube pelo qual é simpatizante: [ 1] Benfica; [2] Sporting; [ 3] Porto; [4]

Outro \_\_\_\_\_.

Muito Obrigado pela Colaboração